CHUMBO GROSSO

PETER KAPRA

COM JUSTIÇA!

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 101

TÍTULO: COM JUSTIÇA

TÍTULO ORIGINAL: COM JUSTICIA

TRADUTOR: IZABEL XRISÔ BARONI

CAPA: JORDI

AUTOR: PETER KAPRA

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1992

PREÇO DA PUBLICAÇÃO: CR$ 1.500,00

PÁGINAS: 128

CHUMBO GROSSO

COM JUSTIÇA!

PETER KAPRA

Tradução de

IZABEL XRISÔ BARONI

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA
MCMXCII Publicação no Brasil
Título Original:
COM JUSTICIA
Capa de JORDI
Editoração Eletrônica
ART-PLUS FOTOCOMPOSIÇÃO LTDA.
Impressa pela
GRÁFICA EDITORA LORD S.A.
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A pacata Lincoln Town

Mike Gordon, quando jovem, fora um buscador de ouro que com o decorrer dos anos, foi enriquecendo e todos, sem exceção, reconheciam que fora ele o fundador de Lincoln Town.

O povoado tinha surgido logo após o término da Guerra de Secessão há dez anos atrás. Progredira bastante com o tempo, e agora, quando esta história começa, Lincoln Town possuía mais de cinquenta casas que foram surgindo de forma desorganizada em ambos os lados da única rua existente, e mais de duzentos habitantes, quase todos empregados na mina.

Porém a mina atual não era a de ouro, mas uma de cobre que Mike Gordon tinha comprado quando os filões dourados morreram.

A vida na cidadezinha era pacata, mas ultimamente ele andava suspeitando que nem tudo ia bem.

Confiava plenamente no jovem capataz John Denisson que havia demonstrado conhecer todos os segredos do ofício.

Porém há poucos anos atrás, El Dédalo produzia toneladas e mais toneladas de cobre e agora quase nada estava produzindo.

As coisas pareciam ter piorado logo após ele ter construído a casa mais bonita de Lincoln Town, em estilo georgiano. Uma verdadeira mansão localizada no outro lado do rio, e pioraram nitidamente, quando sua filha Jerry regressou de Baltimore, onde estava internada em um colégio estudando há mais de cinco anos.

Mike era um homem que sentia ciúme e zelo pela obra realizada. Era afável e amigo de todo mundo.

Porém ultimamente outros homens lutadores e batalhadores tinham chegado e se instalado na região.

O primeiro que chegou foi Brian Cobb, um comerciante astuto e ganancioso. Logo depois, chegou o juiz Kirk Darting e poucos meses após, o rancheiro Leonel Jefferson, que começou logo a reclamar, dizendo que o gado quando bebia água do rio que corria próximo de El Dédalo ficava enfraquecido, perdia peso por causa dos resíduos da mina que eram despejados na água.

Estas reclamações frequentes aborreciam Mike Gordon e naquela tarde, sentado à mesa de trabalho de seu luxuoso escritório estava pensando exatamente nestas coisas.

Sorriu quando escutou a voz de Jerry cantando uma balada sulista, e quando ouviu a voz rançosa de Mummy reclamando porque Paul agora que havia crescido, não a ajudava:

— Negrinho preguiçoso, passa os dias sentado à beira do rio, de caniço na mão, fingindo que está pescando... Bom pescador não dorme sentado! — dizia a velha preta.

Mike se levantou, se aproximou da janela e viu Paul, de caniço na mão, sentado à margem do rio.

— Paul! — gritou, Mike.

O rapazola de dezessete anos levantou-se imediatamente e o ficou olhando com cara abobalhada.

— Prepare o “Sandy” porque eu vou sair dentro de meia hora.

O rapaz soltou a vara de pescar e correu para o estábulo.

Mike continuou à janela, contemplando as águas avermelhadas do Bitter Root Range que pareciam incendiadas pelos últimos reflexos do sol e, novamente, pensou no cobre.

Há muito estava planejando fazer o que faria àquela noite: iria sozinho à mina. Poderia chamar Dennisson, mais preferia ir sozinho... já conhecia sobejamente as informações que o capataz mais uma vez repetiria durante o trajeto e o tempo todo que estivessem dentro de El Dédalo... Talvez, quem sabe, pudesse descobrir alguma falha... Não queria fazer mau juizo de ninguém, mas muitas vezes, pensava que talvez o capataz estivesse mancomunado com Leonel Jefferson ou Brian Cobb.

Se isso fosse verdade não o perdoaria! John Dennisson ia receber o castigo que merecia!

Mike Gordon abriu o armário que estava em seu escritório e apanhou seu velho cinturão, enfeitado com pepitas de ouro e... balas.

Depois pegou o velho Colt nacarado de madrepérola, que fora seu companheiro inseparável por anos e anos.

Queria entrar na mina desapercebidamente. Não desejava conversar com os dois vigilantes que eram italianos e viviam embriagados.

Por isso, foi à cozinha e apanhou um dos lampiões que Mummy tinha em cima do armário.

Quando estava abrindo a porta para sair, Jerry desceu a escada correndo e se jogou nos braços do pai.

— Eu escutei quando você mandou Paul encilhar “Sandy”. Você vai sair, papai? — perguntou a garota loura de olhos verdes.

— Sim, querida. Preciso ir à mina, mas voltarei para o jantar.

— Você não quer uma companhia, paizinho?

— Não garota. Não quero ver minha boneca com roupas sujas. Aquilo não é lugar para moça.

— Está bem, mas se você se encontrar com John, diga-lhe que não tolero aquele tipo!

— Pare de arranjar encrencas, minha garotinha. John é um homem formidável e é meu amigo.

— Pode ser seu amigo, mas eu não quero sua amizade. Ele que guarde as distâncias!

— Menina orgulhosa! — disse Mike, dando-lhe um beijo. — Não vá jantar sem mim, hein?

Saiu ao alpendre e ainda ficou esperando que Paul lhe trouxesse o cavalo, um garanhão maravilhoso.

* * *

Quase duas horas mais tarde, Mike Gordon entrava na mina, sem desconfiar que dois olhos o contemplavam à distância, escondidos atrás de um vagão de aço que os operários usavam para transportar minério.

Aqueles dois olhos pareciam surpresos e neles brilhava o ódio. O homem que espreitava, afastou-se em seguida e um minuto mais tarde, já estava galopando para o povoado.

Galopava, galopava desenfreadamente, protegido pela escuridão, mas seus pensamentos eram tão sombrios como a noite.

— Certamente o velho suspeitou de alguma coisa! — ia falando em voz alta. — Se eu tivesse liberdade para agir livremente, não teria perdido esta oportunidade única, mas primeiro tenho que pedir, tenho que ouvir a opinião do "outro"! Que o diabo o carregue e me deixe em paz! Se eu

fosse eu mesmo, o velho já teria recebido um balaço no peito... Bom, não custa a gente conversar, todos sabem que duas cabeças e quatro olhos sempre vão um pouco mais longe do que um só homem...

Desmontou no pátio interno de uma das casas do povoado e entrou na casa do "outro". A conversa foi rápida e eles concordaram que o "trabalho" devia ser feito com urgência se realmente queriam obter o que mais desejavam. As ambições desenfreadas não podiam aguardar uma segunda oportunidade que talvez nunca mais chegasse. De comum acordo, resolveram que Mike devia ser eliminado naquela noite, com urgência, porque era um verdadeiro "rochedo" atrapalhando os planos que tinham feito.

Decretaram a morte do criador da cidade com facilidade, mas discutiram bastante para determinar quem o mataria. Chegaram quase às vias de fato, mas no final decidiram apostar na sorte e o perdedor foi aquele que havia feito a cavalgada para avisar o "outro".

Regressou à mina de má vontade, procurando proteger-se pelos recantos mais escuros do caminho. Desmontou perto do rio, amarrou o animal a uma árvore e avançou a pé.

Sorriu quando viu "Sandy" ainda alado a uma tábua do velho estábulo. Sinal que Mike ainda continuava dentro da galeria da mina.

Estava acostumado à escuridão que existia naquele subsolo que o levava ao coração da montanha. Pouco depois, vislumbrou a luz tênue do lampião que Mike tinha trazido. A distância entre ambos era pequena.

Percebeu que o velho parecia estar aborrecido e preocupado. Encostou-se contra as paredes rochosas quando Mike se aproximava e poucos minutos mais tarde, os dois se defrontaram.

Mike ficou surpreso quando viu o cano da arma apontada para sua barriga e seus olhos desorbitaram quando reconheceu o homem que estava parado a sua frente.

Quis falar alguma coisa, mas antes que pudesse abrir a boca, recebeu duas balas no peito. Gemeu, deixou o lampião escorregar pelos dedos, antes de cair pesadamente no solo.

O assassino tremia quando se aproximou dele. Colocou a mão cm seu peito, mas só escutava as pulsações de seu próprio coração. Teve a impressão que os latidos do coração agora eram do homem que procurava matar. Por esta razão, apoiou a arma na cabeça de Mike Gordon e apertou o gatilho mais uma vez.

* * *

Talvez tudo fosse ocorrer de forma diferente se Jerry Gordon não tivesse ficado alarmada quando o pai não chegou para o jantar.

A moça esperou quase duas horas mais, enquanto um pressentimento muito forte ia tomando conta de seus sentimentos.

Esperou, e como o pai não voltou para casa, decidiu ir à mina na companhia de Paul. Se ele não queria jantar, ela estava com fome e o estava aguardando como lhe prometera.

Os dois irmãos Gastti dormiam completamente embriagados. Jerry teve que os sacudir com violência para acordá-los. Não tinham visto o patrão chegar, mas se ofereceram para procurá-lo. A moça os seguiu com temor.

Pouco depois, ela viu "Sandy" e respirou mais aliviada. Seu pai continuava na mina. Albert Gastti penetrou em uma

das galerias e seu irmão Luiggi em outra, ambos andando com passos incertos e cambaleantes.

Paul não se afastava muito, procurando sempre manter-se perto da patroa. Pouco depois, Albert apareceu correndo, muito assustado, e Jerry deduziu o que havia acontecido.

Entrou na mina com o italiano, enquanto Paul galopava para o povoado. Ia diretamente à casa do xerife Gilbert.

O xerife quando viu Mike Gordon com o peito perfurado e a cabeça estraçalhada, compreendeu que finalmente a tormenta que há muito vinha se armando, tinha acabado de desabar sobre o povo de Lincoln Town. Era algo previsto e inevitável.

Sempre fora amigo de Mike Gordon, desde o tempo quando ambos eram jovens. Assistira à fundação de Lincoln Town, acompanhara seu crescimento e o aumento da violência.

Sua amizade com Gordon, muitas vezes, o havia colocado em campo adverso ao do juiz Darting. O magistrado era amigo íntimo do rancheiro Leonel Jefferson e Brian Cobb.

Mike Gordon sempre se mostrara intransigente com todos eles e não permitia que fizessem tudo que queriam, sempre alegando que fora o fundador áo povoado e que tinha direito inquestionável sobre toda a região. Houve ameaças, discussões e partidarismos.

E no fim, Mike Gordon apareceu morto!

O xerife Gilbert levou a noite toda interrogando uns e outros e despertando todo mundo, mas todos pareciam ausentes ao problema que desde horas antes vinha abalando o pequeno povoado.

Dois dias mais tarde, o juiz Darting visitou o xerife em seu escritório e quase ordenou aos berros:

— Diabo, você tem que fazer alguma coisa, Dan Gilbert! Eu não gostava de Mike Gordon, não tolerava sua maneira de agir, mas o culpado deve ser preso! Não estou com vontade de escutar essa gentalha falando que fui eu quem matou o patrão amado de todos!

O xerife por vontade própria teria somente detido três homens, certo de que um deles era o assassino de seu amigo Gordon. Os três homens se chamavam Brian Cobb, Kirk Darting e Leonel Jefferson, porque só estes lucrariam com a morte de Mike.

Há dois dias vinha procurando localizar o criminoso inutilmente. John Denisson, capataz da mina e os irmãos Gastti, apesar de suas contínuas bebedeiras também procuravam colaborar. Os dois italianos eram inteligentes e quando estavam sóbrios eram mais competentes do que muitos homens. O criminoso não tinha deixado um rastro e sumira completamente.

Denisson foi visitar Jerry Gordon e disse que iria continuar trabalhando na mina, que ela não se preocupasse porque procuraria administrá-la tal como seu pai sempre tinha feito. A moça agradeceu e as coisas continuaram no mesmo impasse por mais uma semana.

Na nona noite, Luiggi e Dan Gilbert estavam examinando a galeria onde Mike fora assassinado quando alguém disparou contra eles.

Luiggi morreu com uma bala na nuca e Gilbert salvou-se porque rapidamente se jogou no chão e só sofreu uma arranhadura no pescoço.

A morte do irmão transformou Albert completamente. Colocou-se inteiramente à disposição do xerife Gilbert e prometeu que só descansaria depois de encontrar o assassino de Luiggi.

Dan Gilbert pressentia que o caso estava ficando cada vez mais embaralhado e por mais que procurasse, não encontrava um meio para solucioná-lo.

Certa noite estava conversando com Albert Gastti e comentou:

— Não entendo porque tantas mortes se tudo poderia ser solucionado com paz, Albert. Se Jefferson quer aumentar seus pastos e acha que os resíduos da mina contaminam a água do rio e prejudicam seus animais, por que não se afasta daqui? Há muita terra sobrando mais para o sul. Brian Cobb já vende bebidas em seu armazém, por que quer construir um saloon como há nas regiões ricas em ouro? O povo daqui não tem dinheiro e tudo que ganha acaba em suas mãos, por que todos têm que comprar comida em seu armazém para poder manter-se... Não sei o que está acontecendo, mas ultimamente a mina vem produzindo muito pouco e talvez, alguém tenha interesse em que produza menos ainda.

Albert Gastti o escutava, mas não podia seguir o seu raciocínio, estava longe, pensando em Luiggi e no que ia fazer quando encontrasse seu assassino.

— Eu só desejo encontrar quem matou Luiggi! — exclamou, de repente.

Dan Gilbert ficou calado. Reconhecia que era incapaz de decifrar aquele mistério e tinha quase certeza de que o assassino também tentaria mata-lo... Que a próxima vítima seria ele.

E foi então que pensou em seu filho Bill. Sua expressão suavizou-se ao recordar-se do garoto que agora já devia estar um homem bonitão, sangue de seu sangue e carne de sua carne. A última vez que estiveram juntos o menino estava com dez anos, mas embora longe, conhecia suas proezas. Montana Bill agora estava com vinte e cinco anos

e era capitão do corpo voluntário de Cavalaria do Texas. Chamavam-no de Montana porque fora lá que seu filho tinha nascido. Sua mãe, a única mulher que tinha amado de corpo e alma, falecera de uma picada de cobra. Dan Gilbert não se conformava com sua morte, sentia- se desesperado e resolveu viajar para aplacar a dor de seu coração. Deixou o menino aos cuidados de uma índia e se lançou pelos prados e montanhas.

Estava pressentindo que seria o próximo escolhido do assassino. Se Bill viesse a Lincoln Town, tinha certeza que todas as mortes seriam aclaradas.

— Albert, sei que Bill poderia solucionar este assunto — falou em voz alta.

— Quem é Bill? — quis saber o italiano.

— É meu filho que está em San Antonio, no Texas, mas se eu mandar um aviso, sei que virá voando a cavalo — respondeu Gilbert todo sorriso. — Ele é capitão de Cavalaria e está apenas com vinte e cinco anos.

— Caramba, xerife, eu ignorava que fosse casado!

Gilbert riu e quase em seguida despedia-se do italiano. Estavam na cabana que tinha usado com Luiggi. Saiu, montou no cavalo e ainda acenou para Albert.

Estava exausto, seu corpo estava pedindo uma cama para descansar os ossos moídos, mas ele jamais pôde descansar como desejava.

Estava cortando o caminho por dentro de um bosque quando o assassino apertou a alavanca do rifle.

Dan Gilbert caiu da montaria e ficou estendido no meio das árvores. Ninguém se apercebeu daquela terceira morte e o agressor pôde fugir sem ser descoberto.

Na manhã seguinte, os mineiros encontraram o cadáver do xerife. Naquela mesma tarde, Albert desapareceu do povoado e os comentários não tardaram a aparecer:

— O italiano matou Gordon e para despistar, matou logo em seguida seu irmão. E agora, o medo foi aumentando com o passar dos dias e resolveu exterminar Gilbert porque o xerife amanhã ou depois, poderia descobrir que ele era o assassino misterioso de Lincoln Town — comentou Brian Cobb no balcão de seu armazém quando conversava com alguns fregueses.

CAPÍTULO SEGUNDO

Uma viagem a contragosto

Montana Bill Gilbert era um tipo singular e muitos falavam que ele era como era porque tinha mamado nas tetas de uma índia da tribo dos cheyennes e que seu pai só podia ser Urso Cinzento.

Na realidade o xerife Dan Gilbert não conhecia o verdadeiro caráter do filho que crescera distante. Só conhecia a fama dele que corria o Texas, Arizona e Novo México. E pelo que tinha escutado dos comentários feitos em sua presença.

Montana Bill era uma espécie de justiceiro que sempre aparecia onde houvesse algum perigo e onde existisse pessoas precisando da ajuda de um homem duro e enérgico.

Foi durante uma ação contra Smoky Black Fox, um mestiço da pior espécie, assaltante de diligências, ladrão e assassino, que seu nome começou a surgir.

Naquela época estava com vinte e dois anos e era um dos componentes dos batedores de cavalaria que mais tarde se tornaria a legendaria Rurais do Texas. O grupo estava sob o comando do capitão Freddy Gray que morreu durante a operação. Montana continuou lutando contra Smoky Black Fox e seu bando, e no final, conseguiu capturar dois e matar vinte bandidos. O governador do Texas não titubeou, promoveu-o ao cargo de capitão e lhe deu o

encargo de chefiar o grupo que estava sob as ordens de Freddy Gray.

A partir de então, Montana Bill pôde usar toda a coragem e intrepidez que possuía. Sempre que uma missão fosse de risco, não enviava um de seus homens, preferia enfrentá-la pessoalmente e jamais havia fracassado.

Uma noite calorenta, ele e um grupo de companheiros estavam em uma taberna de San Antonio. Todos riam satisfeitos. Montana era o único que estava sentado e tinha uma mexicanita linda sentada em seus joelhos. Tinham acabado de fechar uma aposta: ele deveria beber um litro de aguardente de milho.

— Você tem que beber sem respirar uma vez, Montana, ou então perderá a aposta — disse um de seus camaradas.

— Então estão vocês pensando que vou perder? — exclamou o rapaz, abraçando a moça com força e a beijando com furor. — Lupe, se eu morrer, prometa-me que todos os domingos vai enfeitar a minha tumba... Você promete?

—Bill, por favor, desista!

Montana não respondeu, só abriu as pernas e a mexicana rolou pelo chão. Ia levar a jarra de aguardente à boca quando ela se levantou rubra de ódio, pronta para esbofeteá-lo... Foi naquele instante que um homem sujo, imundo e com olhar mortiço se aproximou da mesa.

— Você é o capitão William Gilbert, conhecido como Montana Bill? — perguntou o desconhecido.

Todos olharam para ele com assombro. Ninguém entendia como alguém podia fazer uma pergunta tão absurda se todos sabiam que o capitão Gilbert era o homem mais famoso dos três estados do sul.

—Sim, sou eu — respondeu Bill, arrastando as palavras com o sotaque característico do Texas.

— Meu nome é Albert Gastti e venho de Lincoln Town, em Idaho. Viajei dois meses para chegar aqui... Você precisa vir comigo imediatamente: o seu pai foi assassinado!

As risadas e sorrisos morreram instantaneamente. Todos os olhos se voltaram para Montana Bill que continuava com a jarra de bebida levantada, olhando para o forasteiro com olhar imbecil.

Por fim, soltou a jarra em cima da mesa e murmurou:

— Meu pai assassinado... Quase não lembro mais dele... Como aconteceu?

— Explico-lhe tudo durante o caminho... Não podemos perder um minuto, eu não pensava que fosse gastar tanto tempo para chegar até aqui! — falou Albert Gastti, precipitadamente.

— Vou com você, mas antes terei de solicitar licença para afastar-me de meu posto, entende? Vou, mas vou de má vontade... Não via meu pai há três anos... Nunca nos amamos...

O governador concedeu-lhe a licença no ato, por tempo indeterminado e também lhe ofereceu o pelotão inteiro para acompanhá-lo a Lincoln Town, mas ele recusou, respondendo que ia acertar sozinho as contas com o assassino do pai.

* * *

Montana Bill começou a viagem para Lincoln Town sentindo-se contrariado. As recordações que guardava do autor de seus dias eram muito remotas, mas reconhecia que seu dever filial o forçava a ir. E tinha certeza que o assassino do pai pagaria o crime com a vida, embora não sentisse a fúria que dominava o italiano que tinha passado o mês e

meio explicando-lhe tudo, até os mais insignificantes detalhes sobre a situação do povoado mineiro.

Foi desse modo que Montana ficou a par da guerra silenciosa que existia entre Mike Gordon e os outros que tinham chegado mais tarde, querendo suplantar a sua autoridade em uma cidade que vivia exclusivamente do que a mina de cobre produzia.

— Eu confiava em seu pai para vingar meu irmão, mas quando o vi morto, fiquei desesperado — repetia Albert mais uma vez. — Confesso que eu e Luiggi não gozávamos de boa fama entre os mineiros, talvez porque bebíamos sempre e nunca estávamos sem bebida no bucho. Porém depois da morte de meu irmão, decidi só provar uísque quando seu assassino estiver desmascarado!

Promessa fútil porque naquela mesma noite Albert teve que ser arrastado para fora do saloon de Amarillo completamente embriagado.

Montana não pensou duas vezes e o mergulhou no bebedouro dos animais depois de ter passado uma corda à volta de seu peito e amarrado com nó cego. O mergulho foi longo ele só o tirou de dentro d'agua quando o outro jurou que a bebedeira tinha passado.

Porém esta se repetiu em Denver e ainda causou complicações para Montana. Enquanto este procurava um hotel ou pensão para passarem a noite, Albert se embriagou. Alguns cowboys decidiram divertir-se às custas do forasteiro, imobilizaram seus pés e mãos e em seguida o amarraram na cauda de um cavalo. Certamente aquela bebedeira do italiano teria acabado mal se Montana não tivesse aparecido na porta do hotel para ver o que estava acontecendo e por que tanta gente estava gritando.

No primeiro instante, pensou em deixar seu companheiro de viagem entregue a sua própria sorte, mas

de certo modo, já tinha algum afeto pelo desgraçado e além disso, ia precisar de sua ajuda quando chegasse ao povoado de Lincoln Town.

Atravessou a rua com suas passadas largas e se aproximou dos vaqueiros que riam às pândegas.

— Façam o favor de soltá-lo — pediu com bons modos. — Se eu tiver que soltá-lo as coisas mudam de figura.

Os homens riram ainda mais e um deles disse que sendo amigo do italiano também devia abusar de um bom uísque.

Montana Bill apanhou o canivete no bolso e cortou as cordas. Esse gesto aborreceu os vaqueiros e um tentou esmurrá-lo. Esta tentativa foi o estopim para a luta se generalizar.

Montana esquivou-se do primeiro golpe, mas deu um direto no queixo do homem. Os outros nove decidiram ser solidários ao companheiro agredido e caíram como lobos sob seu agressor.

A partir daí, as pernas e os braços de Montana se moviam como pás de um moinho. Em poucos segundos, ele colocou cinco agressores fora de combate. Os outros começaram a pensar que tinham atiçado uma víbora porque o homem parecia ter punhos de aço...

Porém Bill não lhes dava muito tempo para pensar e continuava distribuindo murros e pontapés a torto e a direito. Os curiosos vibravam diante do espetáculo inesperado. Os vaqueiros continuavam levando socos e patadas em todos os lugares do corpo e dois deles caíram, desmaiados.

Os dois remanescentes com as caras avariadas não sabiam mais o que fazer para se defender daquele homem demolidor. Ambos quase simultaneamente tiveram uma idéia por demais infeliz: sacaram os Colts quando Montana estava olhando para o italiano.

Alguém gritou avisando. Ele girou o corpo rapidamente, mas um revólver havia surgido em sua mão e já começava a vomitar fogo. Os dois últimos rolaram por terra com buracos no peito e na cabeça.

O xerife de Denver apareceu logo depois. Olhou para os homens ensanguentados e depois para Bill como se estivesse esperando alguma explicação. O rapaz teve vontade de arrancar a estrela de lata que luzia em seu peito, mas preferiu continuar impassível porque não queria revelar a sua verdadeira identidade.

Levantou Albert do chão e novamente mergulhou-o em um bebedouro. Quando a sobriedade voltou, levou-o para o hotel.

O novo dia mal estava clareando quando encilharam os animais e abandonaram Denver.

Horas mais tarde quando chegavam a uma pradaria vasta e ensolarada, Albert prometeu pela nonagésima vez:

— Eu juro por tudo mais sagrado, Bíll! Juro como nunca mais porei uma gota de álcool na boca!

Alguns dias mais tarde, atravessavam um desfiladeiro íngreme das Montanhas Rochosas quando a pata do cavalo de Montana resvalou em uma pedra e perdeu o equilíbrio. O cavaleiro teve medo de cair com ele pelo abismo e rapidamente pulou da sela, sem se recordar que o animal também possuía um instinto de conservação.

O cavalo empinou, relinchou e colocou as patas novamente no chão, rodopiando para fugir do perigo.

Tudo aconteceu quando Montana ainda estava saltando e com isso, foi cuspido para a frente e se precipitou no vazio. Teve sorte porque ficou agarrado a uma grande pedra a mais de dez metros de profundidade e praticamente suspenso no ar.

Naquele dia Albert não estava bêbado. Imediatamente compreendeu o perigo de vida que seu companheiro corria. Desmontou e apanhou o rolo de corda que estava pendurado na sela. Amarrou a ponta fortemente numa rocha e jogou a corda para Montana, gritando:

— Suba porque está bem segura!

O filho de Dan Gilbert trepou facilmente por ela. Quando se viu a salvo, respirou fundo, sentou-se no chão, começou a enrolar o cigarro e falou:

— Obrigado, Albert.

Não disse mais nada e começou a fumar.

O homem que se dirigia para Lincoln Town tinha a calma de um pele-vermelha, o coração de um puma e era rápido tanto com as armas como com os punhos. Sabia odiar e perdoar, sabia beber e beijar!

Quando estava com doze anos, logo após ter perdido sua mãe, o pai também o deixou entregue a sua própria sorte, talvez julgando que um menino mal entrando na adolescência estivesse preparado para enfrentar a vida. Quando completou dezesseis anos alistou-se no exército da União e seu pelotão foi um dos mais heroicos nos últimos dias de batalha. O menino lutou com vigor, aprendeu lidar com armas, endureceu o coração e voltou para o oeste.

Foi então que soube que o pai estava em Lincoln Town, mas nunca foi visitá-lo, apenas algumas cartas esporádicas e continuou vivendo sua vida independente.

Nunca tinha entendido porque se colocou ao lado da justiça, com oportunidade de favorecer muita gente honrada, quando poderia ter seguido o caminho oposto.

Certa feita, um poderoso rancheiro de San Antonio chegou a comentar: Se Montana fosse um ladrão ou um criminoso, ninguém ia poder viver nesta terra.

Quando já estavam próximos de Lincoln Town e podiam avistar o maciço montanhoso de Bitter Root Ranger, pela primeira vez, ele demonstrou alguma preocupação e pareceu lembrar-se do motivo daquela viagem cansativa e demorada de quase dois meses.

Inclinou-se na sela, sobre o pescoço do cavalo e perguntou:

— Albert, quem sairia ganhando com a morte de Mike Gordon?

— Não compreendi sua pergunta, capitão!

— Já falei para não me chamar mais de capitão, maldito! Não quero que eles saibam quem sou. Estou querendo que você me diga quem ficou com a mina depois da morte de Gordon? Creio que aí está a chave de todo o problema e dos assassinatos de meu pai e de seu irmão.

— A senhorita Jerry não iria matar ninguém! — respondeu o italiano com segurança.

— Falarei com ela e se bancar a difícil, juro como arrebento a cara dessa mulher! Você sabe que em San Antonio, uma vez fiz um mudo falar... Agora você segue para o povoado e eu só irei mais tarde. Não é bom que nos vejam juntos.

Albert Gastti seguiu sua orientação e ele ficou descansando algumas horas no vale. Quando o dia começava a escurecer, decidiu ir para a pequena povoação e... chegou no tempo exato, porque se tivesse demorado mais um pouquinho teria encontrado seu companheiro de viagem pendurado em um ramo de árvore.

Estranhou a barulheira e os gritos. Esporeou o cavalo e se aproximou dos homens e mulheres que gritavam. E foi então que viu Albert com o rosto coberto de hematomas e com uma corda à volta do pescoço.

CAPÍTULO TERCEIRO

Soltem esse homem!

— Soltem esse homem! — gritou Montana Bill abrindo passagem entre as pessoas que estavam aglomeradas na rua.

— Quem é você para desrespeitar uma ordem da justiça? — retrucou um homem com aspereza.

Muitas vozes repetiram a mesma pergunta, antes que um indivíduo que aparentava mais de quarenta anos, vestindo uma casaca cinza aproximou-se do cavalo de Montana, procurando afastar os mineiros.

— Saiam daqui! Eu já disse que Gastti primeiro deveria ser julgado e se condenado, pagar por seus crimes — falou em ênfase.

— Juiz Darting, já temos provas suficientes! — exclamou um dos presentes que parecia o mais exacerbado e o líder do linchamento.

— Isso só poderá ser decidido por um júri, Cobb. Você está ultrapassando suas atribuições.

— Juiz Darting, eu sou o xerife interino de Lincoln Town! Rapazes, puxem a corda e acabemos logo com isso!

— Eu falei para vocês soltarem esse homem! — a voz de Montana estava comedida, mas o tom não admitia réplicas e um Colt luzia em sua mão.

O silêncio se tomou pesado, os homens que iam puxar a corda se entreolharam assustados, pois o jovem desconhecido parecia um Deus de violência e ameaça.

— Se esse homem realmente cometeu algum delito deve ser julgado de acordo com a lei. Você como xerife, não devia permitir seu linchamento.

Brian Cobb parecia perplexo com aquela intromissão absurda. Olhou para o desconhecido, depois para os homens que o rodeavam e em seguida, para o desventurado Albert Gastti.

— Ele assassinou o xerife Gilbert, Mike Fodd e seu próprio irmão! Depois fugiu do povoado e agora teve o desplante de voltar!

— Um assassino quando mata seu próprio irmão e foge, nunca mais retoma ao local do crime, onde sabe que há gente pronta para prendê-lo! — exclamou o juiz Darting. — Eu conheço esse italiano e sei que é incapaz de matar alguém...

Porém você, Brian Cobb, tem coragem para fazer qualquer coisa, embora viva procurando um bode expiatório...

— Juro como vou... — Cobb soltou a corda e correu na direção do juiz com o rosto transformado pelo ódio.

Darting devia esperar tal reação porque rapidamente retirou um revólver brilhante do bolso da casaca.

— Pare onde está ou eu o mato, Cobb!

Montana Bill quis evitar mais uma morte no povoado. Os dois disparos soaram simultaneamente. Conseguiu desviar a rota do tiro e arrancar a arma da mão do magistrado. Depois quando pressentiu que Cobb ia atacar Darting, segurou-o pela gola da camisa.

— Prepare-se para receber o troco, forasteiro! — ameaçou o juiz.

O rapaz não respondeu porque estava dobrando o braço do xerife interino. Cobb sentiu uma dor horrível e acabou ajoelhado a seus pés.

Os habitantes de Lincoln agora fitavam o intrometido com mais simpatia e alguns chegavam a elogiá-lo em voz alta.

Cobb sentiu o sangue correndo mais depressa pelas veias e gritou:

— Eu sou o xerife!

— Lembre-se que as eleições ainda não foram realizadas, Cobb — retrucou o juiz, inclinando- se para apanhar o revólver que tinha caído.

Quando viu que a arma estava inutilizada, olhou para Montana e falou com raiva:

— Prepare-se porque as coisas não vão ficar assim!

Afastou-se em seguida e só então Montana Bill soltou Cobb.

— Se acredita que esse homem é criminoso, prenda-o até o julgamento. Eu venho de um estado onde as coisas se fazem desse modo — disse.

— Afinal quem é você? — perguntou Cobb.

— Sou Bill para os amigos. Você pode chamar-me de senhor Bill. E se quer saber porque estou aqui, vim para falar com a senhorita Jerry Gordon — e naquele momento uma mentira que poderia ajudá-lo surgiu em sua mente. — Sou engenheiro de minas e me chamaram para examinar El Dédalo.

Não disse mais nada e montou, mas antes de afastar-se, olhou para Cobb que continuava estupefato.

— Espero que siga meu conselho. A propósito, este é o caminho da mina, não é verdade?

O xerife confirmou com a cabeça.

Montana viu Paul sentado à margem do rio, cabeceando como sempre, e sorriu pensando de que modo o dorminhoco podia continuar segurando o caniço de pesca. Depois contemplou a casa majestosa de Mike Gordon e calculou que ela devia valer uma fortuna.

Deteve o cavalo quase ao lado do negrinho, mas nem assim Paul acordou. Montana sorriu e gritou:

— Homem, trate de despertar!

Paul teve um sobressalto, empertigou-se velozmente e olhou para ele com os olhos muito assustados.

— Boa... boa tarde, senhor.

— A tarde deve estar boa para você. Onde posso encontrar a senhorita Jerry Gordon?

— Ela está lá, senhor — respondeu Paul apontando para a casa. — Deve estar no escritório do patrão e o senhor Denisson está com ela. Quer que eu cuide de seu cavalo?

— E bom. Dê-lhe água e feno.

Montana desmontou e sacudiu com o chapéu a poeira acumulada em suas roupas. Depois começou a andar a para casa, enquanto ia tirando as luvas de couro.

Chegou ao alpendre, todo revestido de estuque branco e enfeitado com jarras de flores. Em seguida, empurrou a porta do vestíbulo que estava apenas encostada.

Entrou na casa e estranhou o silêncio pesado que havia em seu interior.

Deu alguns passos por um corredor e foi então que ouviu uma voz de mulher, gritando:

— Saia daqui agora mesmo! Como ousa tentar uma coisa dessas?

E logo, uma voz de homem zombeteira e enérgica ao mesmo tempo:

— Lamento, pequena víbora, mas achei que este era o momento para mim e você falarmos claramente. Tudo

poderia ser resolvido com facilidade se você fosse mais acessível.

— Você é um grosseiro... Não se aproxime de mim! Não... Socorro, Mummy! Venha para perto de mim, Paul!

Montana não perdeu um minuto. Rapidamente se aproximou da porta que estava a sua direita, imaginando que aqueles gritos fossem de Jerry Gordon.

Abriu a porta com um pontapé e o quadro que viu o fez sorrir e franzir o cenho ao mesmo tempo. Um homem que aparentava mais de trinta anos, alto e forte estava abraçando uma moça que se debatia em seus braços, tentando livrar-se. Quanto mais ela procurava fugir do abraço, ele mais a apertava e tentava beijá-la à força.

— Solte essa mulher, homem!

John Denisson sentiu o sangue gelar nas veias quando ouviu aquela voz ameaçadora as suas costas. Soltou Jerry rapidamente e a moça começou a esbofeteá-lo. O homem estava tão surpreso que nem piscava ao receber as bofetadas.

— Quem é você e o que está fazendo aqui? — perguntou Denisson.

— Eu estava passando casualmente quando escutei uma voz pedindo socorro.

Interrompeu-se quando uma negra gorda o empurrou para o lado para poder atravessar o vão da porta.

— O que está acontecendo, minha pequena? — exclamou Mummy correndo para Jerry que estava apoiada à mesa e soluçando como uma criancinha.

John Denisson não conseguia esconder seu aborrecimento e parou na frente de Montana com as pernas abertas, como se estivesse com vontade de brigar. Sorriu e falou com desdém:

— Eu não bato em mulher, mas beijo todas as que posso! — depois fechou a carranca e continuou: — Faço com elas o que tenho vontade e jamais permitirei que forasteiros se metam em meus negócios!

— Pena porque algum poderia lhe ensinar boas maneiras... você não passa de um mal-educado muito grosseiro. Um homem só deve beijar uma mulher quando esta lhe der permissão.

As faces do capataz da mina ficaram vermelhas e ele se jogou contra o desconhecido, procurando esmurrá-lo.

Montana já esperava uma reação semelhante, colocou-se de guarda, embora reconhecendo que todas as vantagens estavam a seu lado porque o capataz era um tipo pesadão e muito menos ágil do que ele.

Quando Denisson desferiu o primeiro soco, o capitão dos Batedores do Texas esquivou-se facilmente. O capataz repetiu o golpe, mas o adversário dessa vez reagiu e ele acabou vendo estrelas e planetas maravilhosos. Sentiu tanta dor no queixo que nem percebeu que também tinha levado um direto no estômago.

A luta, no entanto, não foi das mais fáceis para Montana e em certo momento, recebeu um murro tão forte que foi jogado de encontro ao marco da porta. Denisson aproveitou a oportunidade para lhe desferir vários murros com todo o vigor que possuía, equivalente a várias toneladas de força animal.

Reagiu mais por instinto quando Denisson alcançou seu maxilar. A dor que sentiu foi tanta que na semi-inconsciência em que se encontrava, levantou o joelho e usou-o como uma poderosa arma contra o adversário.

O golpe alcançou-o no baixo ventre. O capataz dobrou o corpo, colocando as mãos na parte afetada.

Montana quando o viu gemendo de dor e totalmente desprotegido, jogou-se contra ele com uma fúria quase criminosa, derrubando-o e crivando-o de golpes os mais variados.

Os dois rolavam pelo chão da sala e iam virando, mesas, cadeiras, o que estivesse pela frente... Essa luta violenta prosseguiu de ambas as partes até Denisson cair esparramado de barriga para cima e boca aberta, certamente agora vendo mais estrelas e mais planetas...

Jerry e a criada ficaram paradas, coladas ao marco da porta e só se moveram quando viram John Denisson sonhando com os anjos e o desconhecido cambaleando, prestes a cair.

— Mummy, precisamos levá-lo para a cozinha — disse a moça. — Ele está precisando de compressas quentes nas costas.

Montana escutava a voz como se a moça estivesse muito longe dele e falou instintivamente:

— Estou precisando de um bom uísque, senhorita.

As duas quase o arrastaram para a cozinha e gastaram mais uma hora usando todos os medicamentos que conheciam, fossem estes de origem índia ou unguentos mágicos e misteriosos que Mummy conhecia.

Porém o que o jovem mais apreciou foram as cataplasmas com ervas, preparadas e aplicadas por Jerry em suas costas.

Conforme ele foi se sentindo melhor, depois de tomar um verdadeiro suador que o reanimou, começaram a conversar e o rapaz lhe disse quem era e quais os verdadeiros motivos que o forçaram vir a Lincoln.

— Quem me avisou foi Albert Gastti e....

— Como pôde ser ele se todos estão falando que foi Al quem cometeu os três assassinatos? — exclamou a moça.

— Boatos falsos sempre existiram e existirão. Não creio que ele fosse viajar mais de cinco milhas para avisar-me se fosse o culpado. Percebo que aqui existe uma grande rivalidade, uma grande concorrência e antagonismo. Alguém matou seu pai por vingança. Depois teve medo que meu pai descobrisse alguma coisa e também o eliminaram. Luiggi Gastti morreu por acidente quando visavam matar meu pai.

Jerry olhou para o homem que estava parado a sua frente e comentou:

— Meu pai foi morto quando estava sozinho fazendo uma inspeção na mina. O seu foi atacado poucos dias depois quando também fazia uma inspeção na galeria onde meu pai foi encontrado morto. Dessa vez, Luiggi recebeu o chumbo, mas os diabos pegaram seu pai dias mais tarde...

— Exatamente e agora pergunto, quem pode ter tanto interesse pela mina. A senhorita?

Jerry Gordon o fitou com perplexidade e exclamou:

— Como pode pensar que eu ia matar meu pai!

— Nunca se sabe, uma garota em San Antonio matou a família inteira porque não queriam que ela se casasse com o homem que amava. Nada mais me surpreende na vida, entende?

— Eu não mataria ninguém e muito menos meu pai! — gritou Jerry, enquanto as lágrimas iam aparecendo entre as pálpebras.

Mummy também o fuzilou com os olhos, lamentando o esforço dispendido para fazê-lo melhorar e diminuir as dores que estava sentindo.

— Minha menina é incapaz de matar!

— Então quem pode ter cometido o assassinato? Acredito que por Lincoln não haja fantasmas perambulando, ou há?

Elas ficaram caladas por momentos e depois Mummy falou:

— Lembro-me que Leonel Jefferson esteve aqui poucos dias antes da morte do senhor Gordon. Esteve aqui durante uma tarde inteira. Primeiro conversaram bastante e depois começaram a discutir. Tiveram uma discussão violenta. Leonel Jefferson é um rancheiro mau e vingativo e naquele dia, ameaçou meu patrão com os piores castigos do inferno se a mina continuasse despejando no rio seus resíduos. Ele chegou a ameaçar que mandaria seus vaqueiros destruírem a mina inteiramente, mas o patrão respondeu que daria armas a todos os mineiros e que seus homens poriam os vaqueiros em debandada.

Montana pensou que a sua próxima visita seria a Leonel Jefferson. Depois olhou para a moça que ainda continuava chorando.

— Por favor, nunca mais me chame de senhor Gilbert... Se nossos pais foram tão amigos como me disse, nós também podemos ser. Por isso, trate-me por Bill ou por Montana se preferir. Também permitirei que me chame apenas por "capi" se desejar...

Jerry primeiro sorriu com o rosto molhado de lágrimas e em seguida se ruborizou. O rapaz naquele instante achou-a linda.

— Cobb sempre quis suplantar a autoridade de meu pai aqui em Lincoln. Desde que chegou aqui tinha idéia de construir um saloon igual aos de Kansas onde os homens pudessem jogar, beber e dançar com mulheres da vida, mas papai só permitiu que abrisse um armazém de comestíveis e roupas. Não lhe deu licença nem para vender bebidas ou armas. Brian se revoltou e gritou que era um comerciante livre e podia negociar com o que quisesse. Meu pai continuou proibindo, mas todos sabemos que ele sempre

vendeu armas e bebidas a todos que quisessem comprá-las. As coisas ficaram mais tensas quando meu pai construiu esta casa porque Brian achou que também poderia construir o saloon que desejava. E realmente iniciou a construção que agora está na fase terminal.

— E seu pai jamais aceitou e continuou tentando impedir a construção, não é?

— Sim. Papai podia impedir porque todas as terras do povoado nos pertencem. Foi o xerife Gilbert quem conseguiu proibir as obras... Talvez, não sei, mas desconfio, Brian Cobb tivesse tanto interesse como Jefferson para afastar meu pai...

— Diga-me uma coisa, qual a influência do juiz Darting nesta região?

— Isso é um outro enigma — murmurou a moça. — Ele e o rancheiro são muito amigos, mas muita gente duvida que seja juiz de verdade. Acham que ele se apresenta como juiz, mas não representa e nem tem autoridade outorgada pela justiça... Como pode ver, Lincoln é um povoado afastado da civilização. Gabriel Darting exerce as funções de juiz, já casou vários casais e assinou muitas penas de morte... Não sei se é verdade, mas muita gente comenta que ele e Jefferson são sócios e que ambos são perigosos.

— Eu o vi assim que cheguei. Ele me pareceu um homem de respeito, embora um pouco impetuoso para o cargo de juiz — comentou Montana.

— Pessoalmente nada tenho que reclamar porque sempre foi muito atencioso comigo. Mora numa casa pequena que fica no final desta rua, mas passa a maior parte do tempo na casa de Jefferson.

— Vou visitar todos os três: Cobb, Jefferson e Darting, algum deles falará um pouco de verdade.

Os jovens conversavam, Mummy os escutava e nenhum deles se apercebeu da presença de John Denisson que os espiava pela janela.

Era o mais novo inimigo de Montana, jamais iria esquecer da surra que tinha levado àquela tarde.

Afastou-se nas pontas dos pés, murmurando entredentes:

— Eu ainda o matarei, desgraçado!

Minutos mais tarde, atravessava a ponte a galope em direção á mina e seus pensamentos naquele momento estavam tão negros como a noite.

A morte continuava rondando o povoado...

CAPÍTULO QUARTO

O primeiro dia em Lincoln Town

Montana Bill passou aquela primeira noite na casa de Jerry Gordon. Na manhã seguinte, levantou-se muito cedo. Sentia dores em todas as partes do corpo, reminiscência da luta da véspera.

A primeira coisa que fez, foi algumas flexões corporais para soltar os músculos doloridos. Precisava fazer sua primeira visita e enquanto se vestia, murmurou entredentes:

— Vou conhecer o rancheiro famoso e ver como é o tal Leonel Jefferson realmente.

O corpo inteiro doía a cada movimento que fazia, mas as dores não o impediriam de fazer o que tinha planejado... Por muito que o corpo doesse, ele precisava cavalgar...

Mais tarde iria fazer uma visita a Albert Gastti e então, abriria o jogo diante do orgulhoso xerife interino do povoado. Brian Cobb saberia quem ele era e por que tinha vindo àquele lugarejo.

Durante o jantar do dia anterior, ele comentara com Jerry a respeito do que acontecera na entrada do povoado e a mentira que tinha usado.

— E você falou a todos que eu tinha mandado chamar um gerente de minas?

— Sim, foi o blefe que usei — respondeu, sorrindo.

A moça também sorriu e explicou:

— Você perdeu seu tempo porque ninguém acreditou. Todo mundo sabe que eu confio cegamente em John Denisson — Jerry abaixou a cabeça e começou a brincar com o garfo e com a comida que estava em seu prato. — John é uma pessoa formidável; o ruim é que se enamorou por mim e agora quer que nos casemos. Já me pediu mil vezes, e mil vezes eu lhe respondi que não. Gosto dele como amigo, mas não como aquele que me acompanhará a vida toda. Cada vez que lhe digo um "não", procuro não o ferir muito.

Montana vestia-se naquela manhã, pensando na conversa da véspera. Depois encilhou seu cavalo que estava na estrebaria. Não entendia por que, mas a presença de Jerry não o deixava um instante sequer.

Não queria pensar em ninguém, queria ficar calmo para conversar com os homens que ia procurar no decorrer do dia.

Não precisava atravessar a ponte para se dirigir ao rancho de Jefferson. Quase uma hora mais tarde chegava aos barracões de madeira, exatamente quando um grupo de vaqueiros se preparava para sair para os pastos.

Cumprimentou-os, acenando com a mão porque não queria perder tempo com conversas, mas um jovem alto e ruivo aproximou-se e lhe perguntou, sorrindo:

— Olá, forasteiro, não foi você quem deu aquela lição a Brian Cobb, ontem de tarde?

Quando ia responder-lhe, um outro se aproximou de mão estendida.

— Montana Bill! Eu não esperava encontrá-lo aqui!

— Não entendo como todo o mundo me conhece, e eu não conheço ninguém.

— Quem não conhece o famoso capitão William Gilbert, do grupo de Batedores do Texas? — prosseguiu o

vaqueiro alegremente. — Eu também sou do Texas e lá você é importante. Eu me chamo Slam Code e estou trabalhando há pouco tempo aqui no rancho Jefferson... Você veio para visitá-lo?

O capataz se aproximou do recém-chegado e perguntou:

— Você é parente do xerife Gilbert?

— Ele era meu pai...

Os vaqueiros formaram um círculo a sua volta e um outro falou com entusiasmo:

— Homem, ontem você deu uma boa lição em Brian Cobb!

— Lição que o cretino precisava ter recebido há muito tempo! — interveio um outro.

Montana sorriu e apertou a mão que Slam Code continuava estendendo para cumprimentá-lo.

— Onde posso encontrar o rancheiro Jefferson? — perguntou.

— Está na casa grande — respondeu o capataz.

— Se você precisar de alguma coisa, pode contar conosco. Meu nome é Sam Garrick, sou de Kansas, mas minha mãe sempre falava que me pariu em cima de um cavalo.

— Bravo, rapazes — respondeu Montana jovialmente. — Quando nos encontrarmos na cidade, faço questão de pagar a primeira rodada.

— Adeus! gritaram todos em coro, afastando-se em disparada.

Aproximou-se da casa a trote e viu que um homem o observava, parado no alpendre. Devia ter mais de cinquenta anos, mas continuava forte e saudável. Quando freou o animal, ele lhe perguntou:

— Bom dia, forasteiro. O que veio fazer aqui?

— Vim para conversar com Leonel Jefferson.

— Sou eu mesmo. Com quem tenho a honra de falar?

Montana apresentou-se e lhe explicou em breves palavras o motivo de sua estada no povoado, sempre fitando os olhos do interlocutor que lhe pareceram sinceros.

O rancheiro pareceu satisfeito por conhecê-lo e sorria de uma orelha a outra quando estreitava sua mão.

— Sempre apreciei seu pai. O xerife Gilbert foi um grande homem! Se eu soubesse quem foi o desgraçado que o matou vilmente, juro como o diabo já estaria enforcado! Mas entre capitão, eu ia mesmo tomar o desjejum e você poderá fazer-me companhia. Enquanto nos alimentamos, podemos conversar.

Montana aceitou o convite, pois ainda estava em jejum. Entraram em uma cozinha espaçosa e se sentaram à mesa larga e comprida. O cozinheiro era um chinês afável e sorridente, aproximou-se deles e perguntou o que desejavam comer.

— Quero uma xícara bem cheia de café, ovos cozidos com salame e maçãs — pediu Montana Bill.

— E eu o de sempre — falou o rancheiro, sentando-se à cabeceira da mesa.

Depois trocaram algumas ideias triviais e Jefferson comentou:

— Disseram-me que ontem você salvou a vida do italiano beberrão. Com esse seu ato de bravura ganhou um inimigo perigoso porque Brian Cobb é peçonhento como uma víbora... E também meu amigo, o juiz Darting, ficou aborrecido com sua intromissão... E vou lhe contar um segredo, nunca Kirk iria matar Cobb!

— Classifiquei aquelas cenas como deploráveis — respondeu Bill, sem deixar de observar o rosto de seu

interlocutor, achando que este não tinha aspecto de assassino.

Concluiu que Jefferson poderia matar um homem sob certas circunstâncias, mas fossem quais fossem estas, sempre agiria abertamente e daria chances para o antagonista defender-se.

— Por que foi que falou que a senhorita Jerry o tinha contratado por ser um especialista em minas?

— Não sei, mas foi essa idéia que me veio à mente naquele momento. Usei-a porque tive o pressentimento de que todas as mortes têm alguma relação com a mina.

— Também andaram falando que fui eu que matou Gordon porque a mina estava contaminando as águas do rio...

— Todo mundo sabe que o povo fala demais...

— Montana calou-se quando escutou o patejar de um cavalo que se aproximava.

Olhou pela janela que se descortinava para o pátio e a seguir campos a perder de vista. Naquele instante, uma cabeça passava entre os marcos de madeira, desaparecendo em seguida. O rapaz identificou o homem no ato: era o juiz Kirk Darting.

O rancheiro também tinha seguido a direção do olhar do jovem e logo a seguir, os olhos de ambos se cruzaram. Montana percebeu que seu olhar agora tinha um brilho diferente. Fingiu nada ter notado e quando ia reiniciar o que estava falando, a voz do juiz irrompeu pela cozinha:

— Bom dia, Leonel! Bom dia, Chang! — o sorriso morreu em seus lábios quando reconheceu o homem que estava tomando desjejum com o amigo.

O rapaz se levantou respeitosamente e o cumprimentou:

— Bom dia, senhor juiz.

Darting olhou para ele com um olhar carregado de fúria, mas falou com muita ironia:

— Sinceramente, não esperava encontrar 0 engenheiro de minas! Como devo chamá-lo: senhor Bill como Cobb, ou somente Bill?

O rapaz sorriu.

— Vejo que ainda permanece zangado, mas não se esqueça que ontem eu lhe fiz um favor. Se tivesse matado Cobb, poderia acabar pendurado na forca que haviam preparado para Albert Gastti.

O juiz trocou um olhar com o chefe da casa e também se sentou à mesa. Depois encarou o rapaz acintosamente.

— Não aprovei sua atitude e nem estou satisfeito por tê-lo encontrado... Se eu desconfiasse que estava aqui, eu...

Leonel Jefferson cortou o que ele ia dizer, falando:

— Kirk, acho que certas coisas devem ser aclaradas. Esse jovem é o capitão William Gilbert dos Rurais do Texas. Ele é filho de Dan.

O rosto do juiz sofreu uma transformação brutal, como se estivesse vendo ou ouvindo algo inusitado ou monstruoso. O assombro evidente não era fingido e chegou a provocar o riso de Bill.

— Por acaso você está querendo fazer gozação de manhã cedo, Leonel?

— Ele falou a verdade, juiz Darting. Defendi Albert Gastti daquela forma porque ele foi buscar-me em San Antonio, compreende?

— Surpreendente! — exclamou o juiz tirando o chapéu de pele negra de copa chata e aba larga, depois ficou olhando para os dois, sem saber o que falar. A seguir estendeu a mão lentamente para o rapaz e disse: — Apesar de tudo, alegro-me por conhecê-lo, William Gilbert. Sempre fui amigo do seu pai.

Depois trocaram mais algumas palavras a respeito do xerife que fora vilmente assassinado e, de repente, Montana decidiu enfrentar o assunto diretamente.

— Primeiro vim ver o senhor Jefferson, mas mais tarde eu também iria procurá-lo, juiz Darting. Achei ótimo podermos falar todos juntos porque só uma coisa me interessa: Os senhores sabem quem matou meu pai?

Os dois homens trocaram um rápido olhar e quando Jefferson falou, parecia ofendido:

— Rapaz, se nós tivéssemos descoberto o assassino, eu e minha equipe já o teríamos pendurado no ramo de um cedro. O homem se evaporou como se fosse um verdadeiro fantasma...

— Acho que interpretaram mal minha pergunta: perguntei se por acaso imaginam quem possa ser, se desconfiam de alguém? Eu não sou daqui, não conheço o povo e não posso confiar cegamente nas orientações de Albert Gastti. O que me podem dizer sobre John Denisson?

O juiz olhou para Jefferson e em seguida, para ele:

— Vim tão cedo, exatamente para comentar com Leonel a respeito de Denisson... Ontem à noite, ele chegou ao povoado com vários hematomas espalhados pelo rosto e corpo. Estava completamente alterado e avisava em alto e bom tom, que no dia que encontrasse o forasteiro maldito ia furá-lo com dezenas de balas do seu “45”.

— Aceito e até acho normal sua revolta. Tivemos uma pequena divergência na casa da senhorita Gordon... Ele é tão perigoso como parece?

— Denisson? — o juiz arqueou as sobrancelhas, olhou para o amigo e depois para Montana. — Ele sempre foi o homem de confiança de Mike Gordon... Desde rapazinho era o capataz da mina, mais tarde se encantou por Jerry, mas a moça nunca se interessou por ele... Quem sabe?

— Bem, então ele é tão suspeito como os senhores? — disparou Bill, subitamente.

Jefferson soltou uma risada e respondeu:

— Que foi o que você disse? Rapaz tão suspeito como eu e Kirk... Ou como Brian Cobb ou qualquer outro habitante de Lincoln.

Os três guardaram alguns minutos de silêncio, enquanto Montana comia lentamente. Depois soltou o garfo e olhou para o juiz.

— O senhor é juiz de verdade? — perguntou.

— Eu era juiz em Detroit, mas um dia algumas pessoas começaram a falar que eu havia infringido a lei. Os comentários se espalharam, tentei demonstrar que eram falsos, que não passavam de calúnias criadas por alguém que me havia tentado comprar com quase dois mil dólares... Dentro de pouco tempo, a cidade inteira estava contra mim. Resolvi sair de lá e vim para o oeste.

— Foi isso exatamente o que aconteceu. Nós somos amigos há muitos anos, eu respondo pela honorabilidade de Kirk.

— E quem responde pela sua, senhor Jefferson? — perguntou o rapaz agora com mais agressividade.

O sorriso do rancheiro desapareceu. Quis falar, moveu os lábios, mas a voz não saía de sua garganta.

— Caramba, capitão Gilbert! — resmungou o juiz. — Todos no Texas são como o senhor?

O rapaz afastou o prato, apanhou uma maçã da fruteira que estava no meio da mesa e os contemplou demoradamente.

— Estou procurando quem matou meu pai. Primeiro tenho que descobrir quem matou Gordon e qual foi o motivo do crime. Quando eu conseguir esclarecer esta primeira pergunta, terei as respostas para todas as outras.

Considerem minha visita como uma parte das investigações que estou realizando e não esperem demonstrações de cordialidade que possam beneficiar o culpado ou os culpados pelos crimes ocorridos aqui. Ontem, quando cheguei a Lincoln, tencionava manter-me incógnito. Mas decidi mudar meu método. Preferi agir mais diretamente. Visitarei a mina e averiguarei quem o matou e por que mataram Gordon. Minha intuição diz que a chave de todo o mistério se encontra na mina. É possível que não tenhamos outra oportunidade para conversar, mas jamais se esqueçam que enquanto eu estiver nesta comarca serei o capitão Gilbert e que minha morte poderia provocar uma verdadeira invasão de batedores rurais e meus colegas não se intimidam diante de perigos, pois são capazes de matar uma população inteira para chegar à meta que visam.

Montana se levantou e apanhou o chapéu que tinha deixado em uma cadeira. Antes de dirigir-se à porta, olhou para os dois homens que continuavam perplexos.

— Espero que se mantenham do meu lado, porque não invejarei a sorte daqueles que se colocaram em campos opostos ao meu.

— Parece que o senhor está nos ameaçando! — bramiu o juiz.

— A mim ninguém abranda com sorrisos. Esperava alguma ajuda dos senhores, mas vejo que me enganei.

— Gilbert, penso que não soube escolher o caminho acertadamente. Talvez se ameaçasse menos, conseguisse mais. Eu também gostaria de saber quem matou aqueles homens. Estou disposto a ajudá-lo, mas não conseguirá cativar minha simpatia mediante ameaças ou fanfarronices...

— Não vim para cativar simpatias — disse Montana bruscamente. — Só vim para reduzir o censo populacional e sei que farei isso!

CAPÍTULO QUINTO

Aí mortes continuam

O armazém de Brian Cobb estava localizado na rua principal do povoado. Quando Montana entrou na loja, viu o proprietário sentado em cima do balcão, conversando com alguns homens. E mais ao fundo, estavam duas senhoras escolhendo algumas fazendas.

De início ele não notou a presença do jovem capitão rural do Texas e continuou falando animadamente com os homens que estavam a sua volta. Estes pareciam mineiros, mas todos estavam armados.

— Tenho certeza que não infringiríamos a lei se tivéssemos enforcado Gastti ontem à noite — dizia o armazeneiro. — Em alguns casos se pode enforcar mesmo sem provas.

Neste momento, uma das freguesas lhe perguntou:

— Cobb, quanto custa esta fazenda?

Ele se virou para olhá-la e foi então que viu Montana Bill parado perto da porta, certamente escutando a conversa.

— Você, por que... não entrou?

— Não se preocupem comigo e podem continuar o papo — sorriu Bill. — Eu até estou achando a conversa bastante interessante.

O silêncio se tomou tenso entre os homens e a mulher insistiu:

— Puxa, Cobb, estou perguntando quanto custa esta fazenda e você nem se dignou em me responder!

— Desconfio que o senhor Cobb não se interessa muito pela loja, prefere outros assuntos que são alheios ao armazém — sorriu o texano. — Não é isso o que acontece, xerife?

As duas mulheres também se calaram e naquele momento compreenderam que alguma coisa não estava sendo normal.

— Rapaz, desconfio que está procurando aborrecimentos! — explodiu Cobb. — Siga meu conselho, acho melhor ir procurar trabalho na mina e não sair de lá.

— Está querendo que aconteça comigo o mesmo que aconteceu com o xerife Gilbert? Já pensou no que me poderia acontecer se eu descobrisse algo suspeito naquela mina?

Brian Cobb pulou do balcão e avançou para Montana impetuosamente como se fosse agredi-lo. Os outros homens se afastaram e algumas mãos se aproximaram das coronhas das armas.

— Onde você quer chegar e o que está insinuando? — perguntou o xerife, aproximando-se dele.

O rapaz também deu alguns passos à frente e a distância entre ambos quase desapareceu.

— Talvez eu até descobrisse porque mataram Mike Gordon, embora sem ostentar nenhuma estrela de lata... Por que você não tentou averiguar as mortes de Gilbert e Gordon?

— Eu sei que foi Albert Gastti que os matou! — gritou Cobb. — Matou-os e fugiu!

Montana esboçou um sorriso gelado e olhou para os quatro sujeitos que se tinham colocado às costas do comerciante e disse calmamente.

— Meu pai antes de ser vilmente assassinado tinha enviado Gastti ao Texas para me buscar. Eu sou filho de Dan Gilbert, xerife!

Todos eles ficaram pasmos diante da revelação e Montana prosseguiu:

— Sou capitão de Batedores do Texas, meu nome é William Gilbert e tenho permissão de Washington para atuar em qualquer estado da União. Querem ver minhas credenciais?

— Inferno! — exclamou um dos homens. — John Denisson já sabe disso?

— Por que me fez essa pergunta?

— Porque ele jurou que o mataria.

— Deixe-o tentar porque a partir deste momento, não permitirei que me matem — falou o jovem capitão com o sotaque meloso do Texas.

Os homens se entreolharam, mas Cobb reagiu quase imediatamente e soltou uma gargalhada.

— Quem diria que você é um capitão dos rurais? Eu sempre pensei que no Texas as pessoas fossem mais sensatas — Cobb parecia divertido. — Capitão, confesso que nunca fui um grande apreciador da lei, mas admirava seu pai. O xerife Gilbert era um homem inteiro e eu espero que o filho se pareça com ele! Eu gostaria que esquecêssemos o leve incidente de ontem e também gostaria de tê-lo entre meus amigos, capitão.

Porém a resposta que Montana deixou-o gelado.

— Não estou interessado em sua amizade, Cobb. Vim para vingar a morte de meu pai e juro como pegarei o assassino! Sou sincero. Seu nome figura entre os prováveis

suspeitos, por isso, procure fazer as coisas corretamente porque tenho por hábito primeiro disparar e depois perguntar... Naturalmente só ajo assim depois de confirmar minhas desconfianças e dúvidas! E o advirto que sei lidar com todos os tipos de pessoas!

— Sabe que eu gostaria de colaborar com você? — falou Cobb, talvez por causa da ameaça velada.

— Vamos conversar lá no escritório do xerife e eu lhe direi algumas coisas... Confesso que ontem procedi de forma um tanto precipitada.

Montana olhou para ele, não disse uma palavra e ficou esperando.

Brian Cobb virou-se para um dos homens e disse:

— Wat, tome conta da loja porque eu não vou demorar-me.

— Sim, Brian — respondeu o sujeito.

O rapaz afastou-se para dar passagem a Brian Cobb. Este estava atravessando o umbral quando se deteve, de repente.

E foi naquele instante que o texano viu o capataz da mina andando lentamente no meio da rua, empunhando a arma destravada e pronta para entrar em ação.

A partir de então, as coisas foram acontecendo de forma rápida e fulminante: o capataz disparou assim que viu Montana aparecer no desvão da porta. Ambos estavam a menos de três metros de distância e o tiro só poderia ser infalível, mas o texano não era nenhum lerdo. Rapidamente também apanhou o Colt e apertou gatilho, enquanto empurrava Cobb para afastá-lo da trajetória das balas.

Em seguida, agachou-se e naquele mesmo momento, o revólver saltava das mãos de John Denisson. O capataz estava desarmado.

No entanto, Brian Cobb também atirou com uma rapidez incrível. Denisson cambaleou e caiu de costas. Montana também sentia a quentura do sangue escorrendo-lhe pelo braço.

Ainda estava olhando para o capataz caído no meio da rua quando Wat se aproximou correndo e lhe disse bastante nervoso:

— Você também está ferido! A bala feriu seu braço!

O capitão nem lhe respondeu, aproximou-se do homem que estava caído no meio da rua e depois, olhou para Cobb.

— Por que você o matou, por quê? — perguntou incisivo.

— Diabos, Gilbert! Atirei porque vi que ele ia matar você! — defendeu-se o armazeneiro.

— Ele já estava desarmado quando você disparou ou ainda não tinha notado que sua arma tinha caído no chão?

Brian Cobb empalideceu visivelmente ao perceber que Montana agora o mantinha sob a mira da arma e que apontava diretamente para seu coração.

— Você acaba de cometer um assassinato, Cobb e eu vou matá-lo!

— Você está enganado, Gilbert — protestou o xerife. — Só disparei para protegê-lo! Eu vi que Denisson ia matar você!

Alguns homens que estavam à volta do capataz, levantaram-se e Mat avisou:

— Ele está morto.

Uma das mulheres que estavam na loja começou a gritar, mas a outra se aproximou de Montana e disse:

— O senhor não pode continuar perdendo tanto sangue. Venha comigo que eu cuidarei de seu braço.

O braço não estava doendo e ele calculou que a ferida fosse apenas superficial. A bala devia ter passado de raspão.

Guardou a arma em silêncio e acompanhou a desconhecida.

Já havia muita gente na rua e nas janelas das casas. Alguns homens entraram com ele no armazém para assistirem o curativo que a mulher ia fazer em seu braço.

Montana percebia que todos o fitavam com ódio.

— Denisson era um bom homem — disse um deles. Foi o capataz mais amigo que tivemos na mina.

— Eu não o conhecia, mas reclamem com Cobb. Eu não queria e não o matei. Só disparei para desarmá-lo e depois que ele atirou contra mim.

Naquele momento muitas pessoas começaram a falar ao mesmo tempo e quase em seguida, uma voz feminina se elevou acima de todas. O rapaz identificou-a imediatamente: era a voz de Jerry Gordon e quando espiou pela janela que estava a seu lado, viu a moça vestida como se fosse um vaqueiro, com calças compridas, camisa de homem e botas de couro.

Assim que compreendeu o que havia acontecido, ela saltou da caleça que estava dirigindo e perguntou às pessoas que se apinhavam na porta do armazém:

— Por que mataram John e quem o matou?

Alguém começou a contar-lhe o que tinha acontecido, procurando culpar Montana propositalmente, mas Brian Cobb o interrompeu:

— Não foi isso o que aconteceu, Jerry. Denisson queria matar Montana e eu disparei contra ele sem ter intenção de matá-lo, mas o resultado todos nós já conhecemos... Ele se moveu bruscamente quando teve a arma arrancada das mãos por um disparo de Montana e por isso, minha bala acabou alojando-se em seu coração.

Bill escutou aquela explicação com os dentes cerrados porque a sua enfermeira voluntária estava derramando álcool puro no ferimento para desinfetá-lo.

E foi naquele momento que Jerry entrou no armazém e se aproximou com expressão preocupada.

— Ele conseguiu feri-lo, Bill? — perguntou a moça.

— Não é nada, em menos de dez dias tudo estará sanado — respondeu o rapaz. — Lamento porque a senhorita perdeu o capataz. Ele se aproximou com intenção de matar-me. Creio que não me tinha perdoado pela surra que levou ontem.

— Esta situação é horrível! — exclamou Jerry. — Quando esta violência maldita vai acabar nesta terra? Quando Lincoln terá dias de paz?

— Antes desse dia chegar muita gente vai morrer, senhorita Gordon. Neste povoado há muito ódio.

* * *

Horas mais tarde, Montana foi visitar o italiano que continuava encerrado na única cela que existia em Lincoln Town.

Os olhos de Albert Gastti relampejaram quando viram o amigo chegando.

— Capitão, tire-me daqui, por favor! Sei que ontem conseguiu evitar meu linchamento, mas não me sinto tranquilo — falou quase suplicando.

— Calma porque daqui a pouco Brian Cobb chegará com a chave — respondeu Montana. — Disse-me que a guarda no armazém, dentro do cofre, para ninguém poder resgatá-lo. Contudo, eu o convenci e ele vai tirá-lo daqui. Estou precisando de você porque hoje à tarde quero fazer uma incursão na mina. Escute, já tem gente chegando.

Segundos mais tarde, Cobb e Jerry entravam no xadrez. O xerife trazia um chaveiro que tinha uma porção de chaves.

— Por que tantas chaves se só há uma cela, Cobb? — perguntou o rapaz.

— Misturei a daqui com as do meu armazém, desde que substituí seu pai... a pedido de alguns moradores — explicou Brian Cobb, enquanto procurava a chave do calabouço.

Albert Gastti ainda estava com o rosto inchado e com os olhos arroxeados em consequência dos golpes que tinha recebido quando os homens da cidade quiseram dominá-lo para pendurá-lo na corda que já estava preparada para enforcá-lo.

— Albert, pode sair sem medo porque eu o protegerei! — disse o xerife.

— Se você quiser, eu o reintegrarei em seu trabalho de vigilante noturno na mina — ajuntou a moça.

— Por ora, Albert será meu auxiliar, até que descubramos quem matou meu pai, o seu, e Luiggi Gastti. Nós três temos interesses correlatos, senhorita Gordon.

— Se você quiser, eu também poderei ajudá-lo. Gilbert — ofereceu-se Brian Cobb.

— Não, não estou precisando de outros auxiliares, muito obrigado — respondeu secamente o texano.

Apesar de Cobb ter explicado dezenas de vezes que não tivera a intenção de matar o capataz, Montana tinha certeza de que ele agira deliberadamente.

— Por favor, Gilbert, eu desejo ajudá-lo no que for possível — continuou Cobb. — Pode contar comigo a qualquer hora e para o que precisar. Outra coisa, eu gostaria que você hoje à noite fosse a inauguração de meu bar.

Também gostaria de contar com a presença da senhorita Gordon...

Será uma casa normal onde não haverá imoralidade, salvo se considerarem a apresentação de Dotty Logan, mais conhecida como o "Rouxinol da América" como...

— Cale-se Cobb! — gritou Montana. Empurrou Gastti e começou a caminhar para a porta. — Nós não estamos interessados em seu saloon e talvez esta tenha sido a causa que provocou a morte do pai da senhorita Gordon. Porém se eu conseguir descobrir alguma coisa, sua vida vai mudar e o saloon acabará em outras mãos.

— Não entendo a razão desse ódio, Gilbert — lamentou-se Cobb.

— Não, eu não odeio ninguém. Só não irei a sua festa porque tenho que inspecionar a mina.

Não disse mais nada e saiu com Jerry e o italiano. Quando chegaram na rua, todos os olhavam de esguelha e com curiosidade.

Montana ajudou a moça subir na caleça e perguntou:

— Será que a senhorita Gordon me convida para almoçar?

— Farei isso com muito prazer, Bill... E que Albert também venha com você — respondeu com um lindo sorriso.

— Então vamos fazer diferente, ele irá agora com a senhorita e eu irei mais tarde com os cavalos — sugeriu Montana. — Concorda?

— Claro — respondeu ela.

Gastti sentou-se ao lado da moça na boleia e se afastaram rua abaixo. Montana ficou os observando por alguns minutos e depois se aproximou de Brian Cobb que continuava à porta de seu escritório.

— Cobb, onde posso pegar o cavalo de Gastti?

— Está na cocheira. Espere que eu mandarei buscá-lo — olhou para o outro lado da rua e gritou: Mat! Mat!

Pouco depois o empregado saiu do armazém e olhou para o patrão.

— Traga o cavalo de Albert, o senhor Gilbert vai levá-lo.

Montana também foi buscar seu animal que estava amarrado à barra do armazém e já estava montado quando Mat retomou, visivelmente preocupado.

— Senhor Gilbert, não sei o que aconteceu, mas' o cavalo de Albert não está na estrebaria. Talvez Freddy o tenha apanhado por engano, quando foi ao rancho do Jefferson entregar algumas encomendas feitas por Chang.

— E por que cargas dágua teve que apanhar logo o cavalo de Albert? E quem é esse tal de Freddy? — perguntou Montana.

— Freddy é meu auxiliar, senhor Gilbert... É muito distraído e muita gente fala que ele sofre da cabeça — explicou Mat. — Mas não se preocupe porque assim que ele voltar, eu mandarei levar o cavalo à casa da senhorita Gordon.

Montana não respondeu. Esporeou o cavalo e saiu cm disparada, sem prestar atenção às pessoas que o fitavam das portas e janelas.

Pouco depois, passava diante de uma casa recém-construída, localizada quase á saída do povoado. Imaginou que fosse o novo saloon que Cobb iria inaugurar àquela mesma noite.

Algo devia ter alertado sua curiosidade porque depois de já ter percorrido quase quarenta metros, puxou as rédeas do animal e voltou.

Parou perto da porta e ficou observando os homens que pintavam o nome da casa com letras enormes sobre uma

tábua de madeira que fora colocada acima da porta de entrada:

GOLDEN HOUSE

— Não ficaria melhor se o tivessem chamado de "Copper House"? — perguntou aos que pintavam. — Afinal de contas, Lincoln Town é uma cidade mineira que vive da exploração do cobre. Este saloon a partir de amanhã será o paraíso do pessoal das minas e creio que seu nome devia relacionar-se com o ganha-pão dos homens da região.

— Foi o senhor Cobb quem escolheu este nome — disse um dos pintores.

Montana desmontou e entrou no saloon. Havia vários homens trabalhando para pô-lo em ordem. As mesas e as cadeiras já estavam distribuídas pelo salão. Dois homens estavam arrumando as garrafas de bebidas nas prateleiras do bar, enquanto outros rolavam os barris de cerveja pelo assoalho, a fim de também colocá-los no bar.

Montana os observava com curiosidade quando escutou a explosão. Procurou adivinhar de onde procedia aquele ruído forte e... distante.

— Engraçado, tive a impressão de ter ouvido uma trovoada, mas o dia está claro e ensolarado — falou um dos homens.

— Pois eu tive a impressão de estar ouvindo uma explosão de dinamite — falou um outro. — E pela direção do som, parece que chegava da casa do finado senhor Gordon.

Montana não quis_ escutar mais nada. Saiu rapidamente do saloon, montou e saiu a galope desenfreado. Dez. minutos mais tarde chegava às proximidades do rio Salmón. Respirou mais calmo quando viu a imponente casa de Jerry perfeita porque havia temido encontrá-la destruída.

Porém o coração deu um salto dentro do peito quando viu que a ponte de madeira já não existia e que entre o material espalhado no local havia partes da caleça que Jerry estava dirigindo!

Saltou do cavalo e com um rápido olhar compreendeu o que havia acontecido. Alguém havia explodido a ponte no momento em que o cavalo passava.

E nele estavam Jerry Gordon e Albert Gastti!

Procurou, mas não encontrou os corpos. Pensou que talvez tivessem sido carregados pela correnteza.

Conseguiu atravessar o rio, equilibrando-se nas madeiras quase soltas que ameaçavam desprender-se dos pilares que continuavam enterrados no leito do rio. E quando chegou na margem oposta fez uma descoberta macabra: Paul, o negrinho dorminhoco, fora degolado e junto a ele estava o caniço pisoteado e quebrado.

Montana imaginou que o rapazinho fora degolado para não revelar o nome dos que havia colocado a carga de dinamite nas pilastras da ponte para matar incognitamente Jerry Gordon e o rapaz italiano que desejava encontrar o assassino do irmão.

CAPÍTULO SEXTO

Espere para ver

Pouco depois também chegava à margem do rio um grupo de cavaleiros que tinha seguido Montana. Um deles era Brian Cobb que parecia estar bastante preocupado.

— Montana, o que aconteceu?

— Uma brincadeira que custou a vida de Paul e possivelmente a da senhorita Gordon p Albert — respondeu o rapaz com raiva, enquanto seguia com a vista a linha do caniço quebrado.

Há algum tempo conhecia o truque muito usado pelos salteadores de estrada: Um pacote com cartuchos de dinamite era enterrado no chão e ligado ao gatilho de uma arma que estava amarrada a uma corda longa que chegava até onde os assaltantes se escondiam. Quando a diligência passava por cima dela a arma disparava sobre os cartuchos. A explosão era imediata e geralmente todos os que estavam no veículo morriam.

Montana deduziu que fora este o método que os assassinos tinham usado para eliminar Jerry e Albert.

Pouco depois Cobb veio correndo e avisou:

— Encontramos Mummy. A negra estava amordaçada e imobilizada.

O rapaz o ouviu perfeitamente quando se inclinava para retirar um chapéu de copa plana e aba larga que estava

flutuando no rio, próximo da margem e do caniço que Paul usava para pescar.

Bill sabia que tinha visto aquele chapéu anteriormente, mas não lembrava onde. Não era de Albert e nem de Paul porque o negrinho só usava um chapéu de palha velho e desfiado. Aquele chapéu só podia ser de alguém que vivia no povoado.

O dono daquele chapéu podia ser o homem que tinha degolado Paul e colocado a dinamite na ponte.

Repentinamente lembrou-se onde o tinha visto: Estava na cabeça do juiz Darting quando este chegou ao rancho de Jefferson naquela manhã.

— Cobb, você conhece este chapéu? — perguntou, perscrutando a fisionomia do comerciante.

Este olhou o chapéu molhado por instantes e respondeu:

— Não sei... muita gente anda usando esse tipo de chapéus californianos.

— O juiz Darting também, não é?

— Sim, parece que eu o vi com um parecido. Por que me faz tantas perguntas?

— Por nada. Vamos ver se Mummy nos adianta alguma coisa.

Quando chegaram na cozinha, alguns homens estavam desamarrando a negra que gemia e se lamentava. Porém quando viu Montana passou a falar somente com ele e para ele.

— Senhor Gilbert, que susto eu levei! Não sei se estou morta ou se desmaiei! Eu estava preparando o almoço quando escutei alguém entrando na casa e quase em seguida, senti o teto desabando em cima de mim... Depois não vi mais nada... Senhor Gilbert, parecia que uma galinha gigante pôs um ovo enorme no meio de meus cabelos.

— Você está com um galo provocado pela porretada que recebeu — comentou o homem que desamarrava suas pernas.

— Prossiga, Mummy — pediu Montana, embora sabendo que ela nada ia esclarecer.

— Depois eu despertei, pensei que estava emparedada. Quis gritar, quis me mexer, mas estava com as mãos e os pés atados e tinha uma carapuça encobrindo minha cabeça! Foi então que escutei um barulhão...

— Foi um trovão, Mummy, no instante em que a chuva começava a cair.

A negra finalmente pôde levantar-se. Sacudiu as roupas e olhou para as panelas que ferviam no fogão.

— Cruz, credo! Minha comida deve estar queimada!

Montana saiu para o pátio interno sem soltar o chapéu e Cobb o seguiu.

— Xerife, providencie o enterro de Paul. Eu vou ter uma conversa amena com o juiz Darting... Quer que eu dê ordens para alguns homens o acompanharem? — perguntou com voz indecisa.

— Não. Sempre resolvo meus problemas sozinho. E caso seja ele o responsável por tudo isso, eu descobrirei em seguida. E você nem vai preparar a cela para recebê-lo; é melhor providenciar logo um sepultureiro!

Montana montou na sela com um salto acrobático e saiu a galope. Quando se aproximava do rancho de Jefferson, viu os dois amigos no alpendre, despedindo-se. O juiz Darting estava sem chapéu.

— Olá, Gilbert — cumprimentou-o Jefferson. — Você de novo por aqui?

— Olá respondeu secamente, parando a montaria perto do juiz que já estava colocando o pé no estribo para montar.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Darting.

— Talvez o senhor saiba melhor do que eu! — gritou Montana.

— Já falei que não aprovo o tom de sua voz! Não tolero galinhos de briga! O que foi que aconteceu agora?

— Por acaso, o senhor perdeu seu chapéu?

Jefferson e o juiz trocaram um olhar e em seguida, Darting explodiu:

— Não gostei da brincadeira que fez hoje de manhã! Por que o levou?

— Eu já esperava por algo semelhante, mas saiba que de nada vai adiantar. Sei muito bem que o senhor esteve na casa de Jerry Gordon! Sei que colocou uma carga de dinamite sob a ponte e também sei o que fez com o negrinho que vivia fingindo que estava pescando! E ainda leve coragem para amordaçar Mummy! — Montana enquanto falava não desviava os olhos do rosto do juiz, esperando que este empalidecesse ou algo semelhante.

Porém, aconteceu coisa bem diferente. Darting riu com bom humor e perguntou depois de colocar o dedo índice na testa:

— Você está com quantos parafusos soltos, Gilbert? Como sabe que eu fiz isso tudo? E quando fiz?

— Há pouco, e agora, não adianta negar!

Jefferson achou melhor intervir.

— Kirk não arredou o pé daqui o dia inteiro, Gilbert. Isso eu posso garantir!

— E por que seu chapéu está neste estado? — perguntou o rapaz, mostrando o chapéu encharcado.

O juiz quase arrancou-o das mãos. Examinou-o detidamente e falou:

— Não nego, este chapéu é o meu, mas ele não pode provar que eu estive na casa de Gordon ou que fiz as coisas que você falou... Tem um modo muito estranho para acusar

as pessoas, capitão! Se necessita um culpado, o chapéu de Chang talvez também pode servir.

A ironia do juiz fez Montana descobrir a fragilidade da prova que possuía contra ele. Um chapéu? Alguém poderia tê-lo apanhado e o deixado cair deliberadamente próximo do local da explosão. O juiz era um homem inteligente e jamais deixaria uma pista tão clara no local do crime.

Um grupo de vaqueiros aproximou-se do alpendre e acompanhavam a discussão com muito interesse.

— O senhor não pode negar que alguém colocou esse chapéu onde eu o encontrei, juiz Darting! — agora o capitão parecia mais calmo.

— Sentimos falta do chapéu já há algumas horas — explicou Jefferson.

— Kirk hoje de manhã, deixou-o em uma cadeira da cozinha. Você estava tomando o desjejum quando ele chegou, lembra? Depois você saiu e nós continuamos conversando, mais tarde fomos para o escritório, mas não levamos o chapéu.

— Exatamente, Leonel, e quando resolvemos dar um passeio até o povoado para ver como estava ficando o saloon que vai scr inaugurado esta noite, voltei à cozinha para pegá-lo. Meu chapéu havia desaparecido e Chang nem o tinha visto hoje.

— E quem ia roubar o chapéu do juiz? — perguntou o texano com ironia.

— Qualquer um da equipe, talvez — retrucou o rancheiro.

Montana olhou para Slam Code.

— A que horas vocês regressaram do campo?

— Há meia hora, mais ou menos, mas eu não vi nenhum chapéu, Montana.

Naquele instante, o cozinheiro apareceu na janela da cozinha e Jefferson lhe perguntou:

— Chang, quem esteve aqui hoje de manhã?

— Freddy veio trazer algumas compras que eu havia encomendado.

— Quem é esse Freddy? — perguntou o rural.

— É um tipo maluquinho que ajuda Brian Cobb no armazém.

Só então ele se lembrou do que Mat tinha falado quando não encontrou o cavalo de Albert na estrebaria. Ele dissera que talvez Freddy o tivesse apanhado por engano.

Talvez tenha sido esse maluco, mas eu não acredito, a menos que sua loucura seja fingida e... também seja um dos cúmplices de Cobb — pensou o rapaz rapidamente.

— Vou falar com esse tal Freddy — disse em voz alta.

Observou que a maioria dos vaqueiros sorriram e Slam Code falou:

— Não perca seu tempo, Montana. Freddy é um doente pacífico e jamais mataria alguém. Brian Cobb o mantém por compaixão. O pobre ficou idiota durante uma explosão na mina. Nike Gordon continuou lhe dando um ordenado, mas depois de sua morte, Denisson reduziu-o ao mínimo. Freddy não ganhava mais nem para comer. Cobb sentiu pena dele e lhe dá um outro ordenado para ajudar Mat, entregando as compras ou dando algum recado. Por isso...

— Não faz mal, vou vê-lo assim mesmo.

Puxou as rédeas do animal e quando o cavalo começou a andar, Jefferson disse:

— Espere, nós iremos com você! Eu não estava pensando ir ao povoado, mas é interessante a gente ficar sabendo das novidades. E parece que estas se multiplicaram nas últimas horas.

— Eu também vou aproveitar sua carona, capitão — disse o juiz. — Talvez durante o caminho eu consiga convencê-lo que nada tenho a ver com tudo que está acontecendo.

Montana esperou com raiva que Jefferson chegasse com o cavalo. Quando se aproximou deles, entregou um chapéu velho ao amigo.

— Ponha este, Kirk. Talvez o capitão tenha interesse em ficar com o seu para experimentar o tamanho da cabeça... Você não pensou em fazer este teste, Gilbert?

O rapaz nem respondeu. Estava pensando em outras coisas.

Estavam cavalgando em silêncio quando Jefferson exclamou no instante em que viram um cavaleiro galopando para o rancho.

— Vejam, um homem está vindo para cá e não é de minha equipe... porque os meus, eu conheço a milhas de distância.

Eles pararam e o cavaleiro continuou aproximando-se.

— Vamos até ele, talvez tenha alguma notícia para nós — aventou Montana, esporeando o animal.

— Capitão — disse Andy Smith quando ficaram mais perto. — O corpo da senhorita Jerry já foi encontrado! Cobb mandou que percorrêssemos o rio e a encontramos presa nos rochedos de Little Creck, bem na curva formada pelo remanso. Senhor Gilbert, ela está irreconhecível! A coitadinha foi apanhada pela explosão em cheio!

As cores fugiram do rosto de Bill. Apanhou um lenço e enxugou o suor que perlava sua fronte. O rancheiro e o juiz pareciam perplexos com a notícia desagradável.

— Então a mataram estupidamente! — exclamou repentinamente Montana.

— Onde fica o remanso?

Os três homens tinham que fazer esforços tremendos para poder acompanhá-lo, pois seu cavalo corria a toda brida. Pouco depois, chegavam à lombada donde podiam descortinar o curso do Salmon River, que cortava o sul de Lincoln Town, antes de precipitar-se em cataratas majestosas que enfeitavam a cordilheira Bitter Root Range.

E de lá, também puderam ver um grupo de homens que estava à margem do rio carregando algo mais ou menos volumoso enrolado em uma manta para um arvoredo onde se encontravam alguns cavalos.

Montana reconheceu entre eles a figura inconfundível de Brian Cobb.

— Vejam — disse Andy Smith, o mensageiro que lhes viera dar a triste notícia. — Agora vão transportá-la para a cidade.

O juiz Darting e Jefferson saíram em disparada, enquanto Montana continuava parado, sentindo que o corpo todo tremia.

Pobre Jerry! Facilmente eu teria me apaixonado por ela — pensou, lembrando-se da cena quando Denisson queria beijá-la à força. Depois também pensou nas compressas mornas que ela tinha aplicado em suas costas e na conversa agradabilíssima durante o jantar.

No entanto, aquela jovem maravilhosa agora estava morta! Fora assassinada pelo mesmo homicida que vinha cometendo crimes quase que em sequência em Lincoln Town. Jerry fora uma de suas vítimas e Albert Gastti também devia ter tido sorte semelhante.

Aproximou-se do grupo lentamente quando os homens estavam colocando o corpo enrolado completamente em uma manta sobre a sela de um cavalo.

Brian Cobb apenas cumprimentou o juiz Darting e o rancheiro, mas avançou ao encontro de Montana com um olhar desolado.

— Que fatalidade, capitão! — foram as primeiras palavras do xerife. — Uma garota linda como era Jerry, terminar de uma forma tão estúpida. A explosão ocorreu no momento que atravessava a ponte! A coitadinha ficou irreconhecível! Só pudemos identificá-la porque hoje estava vestida como se fosse um rapazinho.

Sim, Montana também estava contemplando as botas de couro com esporas de prata e um pedaço das pernas da calça coberto de sangue que aparecia por entre as pregas da manta quando levantavam o cadáver para colocá-lo atravessado na sela.

— Durante a explosão deve ter caído no nó e a corrente a trouxe para esse remanso — continuava falando Cobb. — Porém do italiano não encontramos um sinal. Talvez tivesse sido arrastado para as cataratas e dificilmente o encontraremos.

Montana não o ouvia. Estava olhando para o corpo coberto com a manta, pensando que dentro de pouco tempo, talvez menos de uma hora, estaria almoçando em sua companhia.

— Pobrezinha! — murmurou em tom angustiado.

Depois olhou para os homens que estavam reunidos naquele momento e ajuntou com voz clara e enérgica:

— Juro como farei a mesma coisa com quem cometeu este assassinato brutal! Só descansarei depois de liquidar o ordinário que matou Jerry de forma tão cruel!

Um dos homens que estava no remanso naquele momento, sentiu um pouco de medo ao escutá-lo.

Mas logo em seguida, respirou fundo, olhou para Montana e também fez uma promessa, só que esta foi feita em sigilo, como em uma oração:

Antes de você terminar comigo, eu o liquidarei Montana William Gilbert! Farei com você o mesmo que fiz com seu pai e o que farei com todos os que se interponham em meu caminho! Estou preparando uma morte especial para você...! Espere para ver!

CAPÍTULO SÉTIMO

Surpresa maravilhosa

Montana passou a tarde inteira sentindo-se enjaulado dentro do escritório que tinha pertencido a Mike Gordon.

De vez em quando, escutava o pranto e os gemidos de Mummy, mas nada podia fazer para consolá-la.

O que mais estava desejando naquele momento era encontrar uma pista, um rastro, um sinal que o pudesse ajudar... Estava precisando encontrar uma luz que indicasse o caminho para chegar a uma solução..., mas onde ia achar o que mais desejava descobrir?

Depois de várias horas andando de um lado para o outro, chegou a uma conclusão não muito agradável: O criminoso ou os criminosos estavam satisfeitos com sua idiotice!

Continuou andando para cima e para baixo e de repente, exclamou em voz alta:

— Eles estão divertindo-se com minha imbecilidade e o que é pior, quando se cansarem de rir, vão meter-me uma bala na cabeça! Por que eu não encontro a incógnita que me ajudaria resolver o problema? Eu sei o que está acontecendo. Estou perdido dentro do emaranhado que teceram para me limitar! Os métodos empregados pela companhia dos rurais de San Antonio, não são tão

completos e nem tão perfeitos como os que usados pelo assassino fantasma deste povoado.

Parou perto da mesa e continuou falando para desabafar o que estava sentindo:

— Eu, William Gilbert, eu Montana Bill Gilbert nunca fui derrubado em minha vida profissional! Sempre acabei localizando todos os ladrões, assassinos ou assaltantes e aqui já morreu muita gente: meu pai, Mike Gordon, Luiggi, Alber Gastti e ela...

Calou-se e deu um tapa violento na fronte. O golpe foi tão forte que chegou a alterar sua respiração.

O que estava fazendo? O que adiantava ficar fechado no escritório, escutando os lamentos de Mummy? Por que não ia procurar a verdade onde esta estivesse, fosse na casa do juiz Darting, no rancho Jefferson ou no armazém de Brian Cobb?

Lincoln Town tinha quase duzentos habitantes e algum ou alguns destes eram os criminosos que precisavam ser desmascarados.

Algum devia ter motivos para cometer as mortes que vinham ocorrendo..., mas quais eram esses motivos? Via perfeitamente que o pivô de todos os problemas era a mina, mas o que havia nela além do minério de cobre que depois de extraído e liquefeito se transformava em lingotes vermelhos como o sangue?

— Infelizmente esta terra é constituída de sangue e prevejo que se eu não agir velozmente, acabarei ajudando avermelhá-la... Por que não tenho inteligência suficiente para solucionar o mistério! — gritou com raiva.

Continuou andando de um lado para o outro e de repente postou-se na frente da janela aberta para contemplar o rio. As águas agora ao sol poente estavam vermelhas,

Depois ele olhou para as montanhas e teve a impressão de que havia labaredas no maciço do Bitter Root Range.

O céu também estava vermelho rutilante como se aquele crepúsculo fosse um reflexo de vingança e lamentos de paixões...

E foi então que reviu mentalmente, como se por entre brumas, o corpo imóvel enrolado na manta, somente com as pernas da calça e as botas aparecendo, completamente vermelhas de sangue...

Jerry Gordon estava morta... e seu assassino continuava solto, livre para preparar novos crimes!

O sangue ferveu em suas veias. Não quis pensar cm mais nada. Pulou a janela e correu para as cocheiras. Encilhou o cavalo com movimentos quase febris e saiu galopando para o povoado.

Atravessou a ponte destruída com muita cautela. Queria ir à mina e poderia escolher dois caminhos: Um maior, mais isolado e solitário e outro que atravessava o povoado e ia dar diretamente na entrada da mina El Dédalo.

Continuou esporeando o animal. Seguiria pelo caminho mais curto e depois passaria novamente pelo povoado.

— Sim, quando eu voltar da mina, incendiarei tudo! Matarei quem ousar me seguir ou ficar a minha frente! Farei justiça com minhas próprias mãos! — monologava, enquanto galopava com fúria.

Naqueles momentos estava sentindo desejos de matar e essa sensação ia aumentando conforme a distância ia sendo encurtada.

De repente, freou o animal e sacou o Colt do coldre quando viu o homem que se aproximava a galope.

Este devia estar chegando do povoado, mas agora já estava escurecendo e ele não distinguia suas feições. Porém; Montana Bill jamais se deixaria surpreender.

Destravou o Colt e ficou esperando. O cavaleiro também parou e uma voz desconhecida ecoou pelo descampado:

— O senhor é o capitão Gilbert?

— Sim. Sou eu — respondeu Montana em voz alta. — Mas fique sabendo que estou com meu Colt apontado em sua direção e minha pontaria jamais falha.

— Quero falar com o senhor... O assunto é urgente!

O texano fez o cavalo avançar mais alguns passos, sempre segurando o Colt na mesma posição.

— Mantenha suas mãos longe das armas, amigo — advertiu o capitão.

— Diga-me quem é o que quer, rápido.

— Meu nome não importa, mas posso dizer coisas que o interessam.

Sei quem matou seu pai e todos os outros. Hoje mesmo tomei parte na explosão que houve na ponte e vi quando o carro que era dirigido por aquela moça se despedaçou... Colaborei porque me ofereceram um bom dinheiro... Ei, se me matar, nunca saberá quem dá as ordens que obedeço... Sei que há muito dinheiro envolvido, mas agora minha vida corre perigo.

Montana percebia que estavam lhe estendendo uma emboscada. Não saberia explicar por que, mas aquele pressentimento inexplicável e sem fundamento surgiu em sua mente e na realidade, foi ele que salvou sua vida uma vez mais. Quando ia se lançar sobre o homem para obrigá-lo a falar tudo que sabia, o desconhecido ajuntou rapidamente:

— Hoje já discuti com o chefe e depois fugi! Quero que você me dê algum dinheiro para eu poder ir para bem longe daqui. Em troca lhe direi tudo que sei.

Naquele momento, Bill viu uma sombra passar por entre as árvores que marginavam o caminho e logo em seguida, um rifle cantou na escuridão, não uma, mas várias vezes seguidas. Ele se deixou escorregar pelo lombo do cavalo e também acionou o gatilho do Colt duas vezes.

Um animal relinchou ao ser ferido e quase no mesmo instante, um grito abafado ecoou pelo descampado. Logo depois, Montana também escutou o baque de um corpo batendo no chão.

O cavalo que o acompanhava há anos sabia muito bem o que fazer durante um tiroteio. Quando o dono se jogou no chão, ele se afastou a galope como se quisesse ficar longe da trajetória dos tiros.

Os disparos silenciaram. Ele tinha a impressão de ter acertado no agressor. Esperou mais um pouco e se levantou.

Aproximou-se do homem que estava estendido no chão com o rifle caído ao seu lado. Tinha um orifício no peito e o reconheceu imediatamente. Era Andy Smith, o mesmo indivíduo que horas antes tinha avisado que uma turma de busca havia encontrado o cadáver de Jerry Gordon.

Depois se aproximou do outro que tinha vindo pelo mesmo caminho e comprovou decepcionado que também estava morto e os mortos não falam!

Nada mais podia fazer ali retomou a galopada, e poucos minutos mais tarde chegava ao povoado. Desmontou na frente do armazém e ainda estava amarrando a montaria na barra quando Mat avisou que o patrão não estava, tinha ido ao Golden House para despedir Betty Logan porque na última hora preferiu não mais apresenta-la no saloon. Os motivos da desistência eram vários, mas o principal, foram as exigências do "Rouxinol da América" que de uma hora para outra, quis aumentar o preço de suas apresentações.

Deixei dois mortos pelo caminho. Um é aquele mineiro Andy Smith e o outro não conheço. Providencie o recolhimento dos corpos porque eu tenho que ir à mina — falou, desamarrando as rédeas do cavalo.

— O que vai fazer na mina a esta hora, capitão? — perguntou Mat com surpresa. — Agora ninguém está trabalhando!

— Exatamente por isso é que eu vou — respondeu Montana. — Você quer me emprestar um lampião? Amanhã de manhã devolverei.

O homem lhe entregou o lampião com ar apalermado.

— Suponho que alguém logo, logo me estará esperando — disse Bill antes de montar.

— Possivelmente — respondeu Mat somente para falar alguma coisa.

Montana galopou para a saída do povoado quando então desmontou e começou a andar atrás do cavalo, segurando-o pela cauda. Estava disposto arriscar-se, mesmo sabendo que se perdesse aquela parada, certamente também acabaria perdendo a vida e o assassino fantasma ficaria livre para continuar matando.

Não saberia dizer por quê, mas tinha quase certeza.de que a solução de todos os mistérios que havia naquele povoado estava centrada na mina. E também acreditava que existia um cérebro diretor que passava as ordens para as mãos executoras.

Chegou à mina sem encontrar quaisquer problemas, somente muita fadiga.

Conforme ia aproximando-se da mina de cobre, ia compreendendo porque Mike Gordon lhe tinha dado o nome curioso de El Dédalo: havia várias entradas quase inteiramente bloqueadas por montes de minério, vagonetes

e outros apetrechos que os mineiros usavam para transportá-los.

Já tinha decidido que só acenderia o lampião quando sua luz se tornasse absolutamente necessária. Desmontou e destravou o Colt, disposto a usá-lo quantas vezes fosse preciso.

Continuou andando na escuridão com a arma na mão direita e o lampião apagado na esquerda. Seus ouvidos funcionavam mais do que os olhos porque podiam captar até o suave deslizar de uma lagartixa.

Cautelosamente aproximou-se da cabana dos vigilantes que até há pouco tempo fora usada pelos irmãos Gastti. Escutou atentamente e ouviu uma respiração compassada. Empurrou a porta que estava1 apenas encostada e facilmente aproximou-se do beliche onde um homem estava ressonando. Aplicou-lhe uma coronhada na cabeça e o infeliz passou do sono pacífico para a inconsciência. Rapidamente amarrou-o e o amordaçou com pedaços de arame.

Em seguida pendurou o rolo do arame no ombro. Agora se sentia mais confiante porque com a ausência do vigilante podia agir com mais liberdade. Verificou que a mina tinha seis entradas para as galerias que tinham sido abertas nas entranhas da montanha.

Gastou alguns segundos procurando captar algum ruído estranho, mas só conseguiu ouvir os latidos de seu coração. Apesar daquele silêncio denso e compacto, Montana sabia que alguém o esperava no interior da mina. Seus pressentimentos nunca falhavam e naquele instante o avisavam que tivesse muito cuidado porque a morte o aguardava!

Chegou à entrada da primeira galeria. Procurou visualizar algo na negrura de seu interior e em seguida,

rastejando como um índio, penetrou naquela cavidade. Passou algum tempo esticando o arame de um lado ao outro e depois prendeu suas extremidades nas tábuas que sustinham o teto. Em seguida, apoiou outra tábua no fio que ficou meio solto e um pouco acima do chão. Se alguém batesse nele a tábua cairia e o barulho ressoaria no interior da galeria.

Repetiu a mesma coisa na entrada de todas as galerias e só então sentiu-se tranquilo. Penetrou na última, exatamente naquela onde Mike Gordon havia encontrado a morte. Estava calmo porque se o inimigo viesse atrás dele cairia naquela emboscada. Não entendia o motivo, mas sua intuição o avisava que já tinha gente lá dentro esperando-o.

Por isso optou por andar agachado e também tirou as botas. E foi quando as descalçava que sentiu o aroma do fumo.

— Agora já sei que estão lá dentro e não poderão apanhar-me de surpresa — murmurou, sentindo-se menos apreensivo.

Porém não se. sentiria tão confiante se soubesse que já o estavam observando algum tempo e só esperavam que penetrasse na mina para realizarem o plano maquiavélico idealizado pelo criminoso de Lincoln Town.

A primeira desconfiança surgiu quando o uivo de coiote ecoou na noite e Montana quase teve a certeza de que o som não fora emitido por um animal solitário.

— O uivo valeu como um sinal — murmurou.

Quase em seguida, escutou passos dentro da mina, afastando-se.

— Alto ou eu disparo! — gritou, lançando-se no solo.

Ninguém respondeu, mas os passos precipitados lhe tinham dado a direção do homem que corria. Imediatamente

após ele viu uma luz muito débil cintilando em uma das curvas da galeria.

Imediatamente percebeu que aquela luz azul-laranjada só podia ser a mecha de uma carga de dinamite. Levantou-se e avançou grudado às paredes irregulares da mina e foi então que descobriu a mecha ardendo e... naquele mesmo instante uma arma detonou as suas costas.

Porém Montana tinha bastante experiência para se deixar apanhar em armadilha tão grosseira e antiga.

Ele também disparou duas vezes seguidas, sempre procurando mudar de posição e observando as fagulhas que continuavam chispando da mecha e avançando na escuridão.

Estranhou que quem tivesse acendido aquela mecha continuasse dentro da mina, sabendo que a explosão iria ocorrer dentro de minutos.

— Aqui tem coisa! — pensou o texano com um sorriso irônico. — Eu não acredito que alguém vá deixar-se matar para assistir minha morte!

Certamente o sujeito que estava dentro da mina, só estava esperando que ele fosse apagar a mecha para atirar. E por isso mesmo, desprezando o perigo iminente, avançou para onde julgava estar seu inimigo.

De repente, se viu cara-a-cara com este quando surgiu como uma sombra naquele cenário fantasmagórico, empunhando um Colt que usou apenas uma vez. Montana não podia ver seu rosto, mas percebia seu corpo no lusco-fusco das faíscas e depois no súbito clarão da explosão.

A bala passou silvando junto a sua cabeça, mas ele também atirou e destroçou a mão armada. O homem gritou de raiva e dor. A arma caiu no chão. Montana aproveitou aquele momento de surpresa para atacá-lo a coronhadas e quando o adversário estava quase em nocaute, ele escutou

o barulho da tábua caindo na entrada da galeria. Compreendeu que mais gente estava chegando, um estava vencido, mas outros vinham para atacá-lo.

Rapidamente apagou a mecha acesa com uma pedra enorme. Ouviu passos precipitados e se encostou às paredes rochosas. Quase em seguida, teve um novo inimigo a sua frente e antes que este se aproximasse estendeu uma das pernas, e a levantou do chão.

O recém-chegado primeiro tropeçou no seu pé e depois se esparramou no solo, sem entender o que estava acontecendo.

Novamente, Montana aproveitou o momento de surpresa para atacar o inimigo. Apertou seu pescoço como se fosse estrangulá-lo e disse:

— Fique quietou ou eu o mato!

O outro tentou levantar-se e recebeu um murro no nariz e em seguida, uma coronhada na fronte. Gemeu e rolou pelo chão, sentindo-se aturdido.

— Ninguém vai me matar facilmente! — gritou o desconhecido disparando em seguida.

Desta vez, a bala chegou a arranhar a orelha do texano. Bill viu que se não o matasse, acabaria sendo morto. Apertou o gatilho do Colt duas vezes seguidas e o homem caiu pesadamente para nunca mais se levantar.

Montana continuou parado, escutando na escuridão, com o Colt destravado. O silêncio era total. Apanhou o lampião que tinha trazido e deixado sobre um bloco rochoso.

Continuou aguardando algum ruído, algum movimento..., mas nada aconteceu. Agora tinha certeza de que estava sozinho na mina. Acendeu um fósforo e com este acendeu o lampião, dissipando as sombras da galeria.

Inclinou-se sobre um dos homens e comprovou que não o conhecia. Depois se aproximou do outro que estava apenas desmaiado e tampouco o reconheceu.

Os dois eram pessoas desconhecidas. Montana amarrou-os com o arame que tinha sobrado e deu alguns passos para o local onde desconfiava estivesse carga de dinamite.

Viu uma caixa de madeira e a mecha que seguia pelo chão pedregoso até a pedra que ele tinha usado para apagar a arapuca quase infantil. Os desgraçados pensavam certamente que estivessem lidando com um capitão rural inexperiente.

Depois observou a galeria e comprovou que aquele túnel devia estar abandonado há algum tempo... e foi naquele momento que escutou uma batida apagada. Soltou o lampião e recarregou a arma. Depois avançou na escuridão, colado às paredes.

Já tinha dado alguns passos quando novamente escutou um barulho indeterminado, mas muito mais próximo.

— Há gente aqui — murmurou entredentes.

Continuou avançando colado à parede e de repente, viu alguma coisa no chão. Algo volumoso que não podia distinguir na escuridão.

Rapidamente acendeu um fósforo e ficou paralisado pela surpresa. A sua frente eslava um fardo humano amarrado fortemente com cordas e um pé descalço batia incessantemente na parede!

Sua respiração chegou a falhar quando viu os olhos verdes e luminosos de mulher fitando-o por cima de uma mordaça forte e imunda e a seu lado, empacotado com ela, estava o italiano, vivo e também amordaçado.

Nos primeiros instantes, o texano ficou sem saber o que fazer.

Não esperava ter uma surpresa tão maravilhosa... jamais poderia pensar que Jerry Gordon estivesse viva quando todos lhe tinham dito que a moça estava morta!

CAPÍTULO OITAVO

O encontro na mina

As mãos de Montana tremiam visivelmente quando desamarrava os torniquetes e mordaça que prendiam Jerry Gordon. Também soltou as mãos de Albert. Ele que se virasse sozinho...

Depois que ambos estavam livres, acendeu outro fósforo e sorriu feliz, pois não estava se conformando com a morte de Jerry.

Os três se fitaram e ele sorriu mais uma vez ao ver os olhos verdes da moça marejados de lágrimas.

— Bill, eu sabia que você viria! — exclamou a jovem em soluços, jogando-se em seus braços.

Montana Bill jamais tinha recebido um abraço mais entusiasmado e... tão desejado. Soltou o fósforo que continuava se consumindo entre os dedos e também a apertou contra seu peito, enquanto os lábios se colavam. Gostaria de lhe ter lhe dado um outro beijo, mas naquele momento precisava ter muito cuidado porque a boca da moça estava machucada e inchada por causa da mordaça.

Albert Gastti resmungou na escuridão:

— Que dia mais horrível eu passei, embora tivesse uma companhia por demais agradável!

— Albert, não muito longe daqui está o lampião aceso. Vá buscá-lo, por favor.

Jerry continuava com os braços à volta de seu pescoço e continuava repetindo:

— Bill, muito obrigada, eu tinha certeza que você viria nos libertar mas levei o tempo todo temendo que um deles o matasse!

Montana beijou-a de novo e agora, já comi menos cuidados e mais entusiasmo.

Quando o italiano voltou com o lampião, teve que gritar com voz abafada para despertá-los.

— Capitão, capitão... Capitão!

Montana afastou a moça um pouquinho e perguntou alegremente:

— Para que tanto escândalo, Albert? O perigo iminente já passou.

— Não Bill, ele continuará nos rondando enquanto Freddy andar por aqui — respondeu Albert Gastti.

— Quem é Freddy — perguntou o rapaz.

— Um imbecil que se portava apalermadamente desde que uma galeria desabou quando ele estava no subsolo. Porém hoje agiu com segurança e não me pareceu tão idiota — respondeu Jerry. — Foi uma das coisas que mais chamou minha atenção desde o início.

— Por que vocês dois não me explicam o que aconteceu realmente? — perguntou Montana colocando a mão em seu braço.

E foi naquele momento que notou que a moça estava coberta com um vestido escuro, largão, sujo e manchado de sangue. Classificou seu aspecto como deplorável.

— Você tem razão, creio que deve saber de tudo desde o instante em que saímos do povoado para voltar a minha casa.

* * *

— O capitão Gilbert é um bocado corajoso — disse Albert quando se sentou na boleia da carroça. — O xerife Gilbert já me tinha falado do filho, dias antes de morrer e quando eu o conheci em San Antonio, compreendi imediatamente que era o homem que estava faltando aqui.

— Além de corajoso é simpático e bonito — disse Jerry quase impensadamente enquanto suas faces se avermelhavam.

Rodaram alguns minutos em silêncio. O sol estava abrasador e quando iam quase chegando à margem do rio, Gastti se surpreendeu quando viu o cavalo marrom malhado com manchas brancas.

Olhou para o homem que o montava e também o reconheceu em seguida.

Não entendo porque o maluco está montando meu animal! — exclamou.

Jerry puxou as rédeas e fez o carro parar junto ao cavaleiro que havia saído do arvoredo mais ou menos compacto. Também conhecia Freddy há algum tempo e sabia de toda sua história.

O imbecil estava usando um chapéu estilo californiano e sorria estupidamente, porém quando falou sua voz não estava titubeante.

— Bom dia, senhorita Gordon! Olá, Gastti.

— Por que está montando no meu cavalo? — perguntou o italiano.

Jerry continuava calada e um tanto perplexa porque naquela manhã Freddy estava parecendo um outro homem. E quase em seguida, surpreendeu-se ainda mais quando ampliou seu sorriso e ordenou com energia:

— Desçam desse carro, imediatamente!

Jerry e Albert se entreolharam e em seguida, olharam para Freddy que já apontava um revólver na mão direita.

— O que está acontecendo, o que vai fazer com essa arma? — perguntou o italiano com surpresa.

Mais dois homens surgiram do arvoredo. Estavam a cavalo e empunhavam armas destravadas.

Eram Andy Smith e Chuck. No mesmo instante, Albert e Jerry perceberam que estavam correndo perigo de vida.

— Desçam logo ou eu disparo! — exclamou Freddy com voz tensa.

Foi então que Jerry observou que a expressão habitual de imbecilidade havia desaparecido de seu rosto.

Andy Smith, rapidamente aproximou-se da caleça, segurou o braço da moça e a obrigou descer. Albert quis protestar, mas Chuck aplicou-lhe um golpe no peito que o derrubou da boleia.

E quase no mesmo momento, Freddy falou, sorrindo:

— Apresem-se! Tratem de despi-la e ponham nela o vestido de Betty... Não quero ficar perto porque Jerry é bonita e mexe comigo... Vocês não podem perder tempo, homens lerdos!

Andy empurrou-a para o arvoredo e quase em seguida, Jerry viu uma mulher estendida no solo, de bruços e sem vestido, usando somente calça e corpete. Estava imóvel e não fez nenhum movimento quando eles chegaram, fazendo barulho.

— Senhorita Gordon, queremos suas roupas. Vai despi-las ou quer que eu as arranque? — perguntou Andy Smith.

— Só colocaria essas mãos imundas em mim se me matasse, pistoleiro! — gritou Jerry assustada.

Freddy aproximou-se pelas costas e deixou a coronha da arma cair no alto de sua cabeça com força. Jerry só não caiu no chão porque ele a segurou.

Logo depois, Chuck chegou arrastando o italiano que continuava inconsciente e enquanto isso, Andy Smith ia arrancando as botas com as esporas de prata que Jerry estava usando. Depois desceu a calça de amazona e despiu a blusa quadriculada sem olhar uma vez para o corpo da moça. Agia maquinalmente e quando se afastou, Jerry também estava só de calça e corpete.

Freddy aproximou-se dela rapidamente e cobriu- a com um vestido preto e grandão, enquanto Andy vestia o cadáver com o traje de amazona.

Não gastaram nem cinco minutos vestindo Betty Logan e em seguida, colocaram seu cadáver na caleça que Freddy dirigiu pessoalmente, embora Chuck também estivesse sentado na boleia.

Pouco depois chegavam à ponte de madeira.

— Veja, Freddy — disse Chuck. — Veja, há um negro pescando na outra margem do rio.

— Segure esse chapéu do juiz Darting e o solte por aí, em qualquer lugar, mas aqui por perto. E use a faca de pesca para liquidar Paul, o dorminhoco. Eu acenderei a mecha.

O pistoleiro rapidamente chegou perto de Paul e o negrinho se levantou, sem poder suspeitar que estava vivendo seus últimos minutos. Olhou para o homem desconhecido e soltou o caniço de pesca.

— O senhor deseja alguma coisa?

— Há alguém dentro de casa?

— Somente Mummy. Está na cozinha, fazendo o almoço.

Chuck arrancou a faca da bainha e a enfiou no pescoço do rapazinho que caiu sem soltar um gemido.

O assassino limpou a faca em sua camisa, guardou-a e andou novamente para a ponte, esticando o fio de caniço.

— Freddy, há uma mulher na casa — avisou em voz baixa.

— Trate de afastá-la. Você escutou quando o patrão disse que não queria testemunhas — respondeu Freddy friamente.

— Devo matá-la a facadas?

— Não é necessário... Mummy já está velhinha. E de mais a mais, você não vai ganhar mais porque matou mais gente, Chuck.

— Matar não me importa. O patrão ontem falou que todos nós ficaremos ricos porque ele vai dividir a mina com todos!

Não falou mais nada e se dirigiu para a casa.

Ia cuidar da velha mucama. Mummy forçosamente teria mais sorte do que Paul porque há poucas horas tinha matado Betty Logan e um adivinho já lhe tinha dito que matar duas mulheres em um só dia dava um azar horroroso.

Apenas lhe deu uma porretada na cabeça e depois a manietou e amordaçou. Precisava agir rapidamente porque dentro em pouco a ponte iria pelos ares.

Quando se reuniu a Freddy, este parecia satisfeito e comentou:

— Vamos embora. Quando a explosão acabar todos vão pensar que essa cantora desafinada é a milionária Jerry Gordon. Nosso trabalho saiu perfeito e agora vamos ver o que está acontecendo com Andy.

Saíram correndo por entre as árvores e segundos mais tarde, a dinamite explodiu.

— Pronto, agora já podemos levar aqueles dois para a mina! — exclamou Freddy.

Chegaram ao arvoredo e se sentaram perto de Andy. Fumaram alguns cigarros e pouco depois, escutaram o galope de cavalos que se aproximavam.

— Chuck, vá ver quem é — determinou Freddy, sacando a arma.

— Por que eu?

— Porque eu estou mandando! — respondeu o homem que até a véspera todos consideravam amalucado.

O pistoleiro se levantou de má vontade e regressou segundos mais tarde.

Sentou-se de novo, sem dizer uma palavra.

— Por que esse mutismo, imbecil? Quem era?

— O galinho que acabou com Denisson... Montana Bill e alguns homens.

— Quando passarem por aqui, você se mete entre eles. Veja o que vão falar e enquanto isso, eu e Andy levaremos estes dois para a mina.

Naquele instante, Albert Gastti gemeu e se moveu. Freddy inclinou-se sobre ele e perguntou:

— Que tal foram os sonhos, Albert.

O italiano estava amordaçado e não podia responder, mas olhou fixamente para ele. Freddy soltou uma risada e continuou:

— Já sei, você está me achando mudado, não é? Já era hora de alguém saber que o idiota de Lincoln Town não sou eu... Uma coisa é parecer e outra é ser. Eu sei o que você está pensando, mas pode ter certeza que não fui eu quem matou Alfred. Até hoje, eu ainda não matei uma pessoa. Seu irmão foi assassinado por Denisson, de acordo com... É melhor eu não falar mais nada e simplesmente continuar obedecendo. Mandaram que eu me fingisse de idiota e foi o que eu fiz durante todo o tempo. Pagavam-me o que eu queria e era até interessante bancar o maluco. Agora por exemplo, nada tenho contra você e se não estivesse no carro de Jerry, certamente estaria vivendo sua vidinha... e quando encontrarem a prostituta, vão pensar que foi Jerry quem

morreu na explosão. Não sei quais são os planos do chefe em relação a vocês, mas acho que não viverão momentos muito agradáveis.

Algumas horas mais tarde, chegou um carro que carregava material para a mina e ele serviu para transportar os dois prisioneiros para os terrenos da El Dédalo.

Chuck, Andy, Freddy e o condutor do carro ficaram responsáveis pelo transporte da carga humana. Levaram os dois para a galeria número um e ficaram aguardando novas instruções.

Mais tarde, Freddy foi ao povoado para falar com o chefe. Já tinha anoitecido. Os mineiros tinham abandonado o trabalho há mais de três horas. Durante a noite a mina ficava completamente isolada do povoado e imersa num silêncio total.

Quando Freddy voltou, estava mal-humorado. O chefe tinha decidido que o italiano também devia morrer com o capitão dos rurais quando este estivesse no interior da mina, àquela noite. Porém a moça devia ser poupada e logo após a explosão da mina, deveriam levá-la para uma certa cabana que existia nas montanhas. Iria ficar presa até que assinasse alguns papéis, alguns documentos de cessão com data de alguns dias antes. O chefe dera uma porção de ordens, mas Freddy não as tinha compreendido muito bem.

Conversou com Chuck. Explicou-lhe o plano do patrão e o companheiro foi esconder-se entre as vagonetes e entulhos que estavam à porta da galeria.

* * *

Depois que Montana se inteirou do que havia acontecido, disse:

— Isso tudo se relaciona com a primeira parte da história, mas ainda está faltando o final.

Beijou Jerry mais uma vez, e os três se dirigiram para onde estavam os homens que o tinham atacado no interior da mina.

— Este que está morrendo é o pobre Freddy... Bem, ele não é tão digno de compaixão porque levou anos enganando a cidade inteira — explicou Albert.

— Esse outro é Chuck, eu não o conhecia, mas ele também tomou parte na explosão da ponte.

Freddy estava com um ferimento profundo nas costas e delirava, porém, Chuck apesar de estar sangrando muito na mão, continuava lúcido.

— Jerry, levante o lampião mais um pouco — pediu Montana. — E você Albert, vá ficar na entrada e nos avise se alguém aparecer. Vou interrogar esse tipo. Vou tentar conseguir alguma coisa.

A moça levantou o lampião e ele se ajoelhou ao lado do ferido.

— Só quero saber uma coisa, amigo! Quem é o chefe desse grupo de assassinos?

Chuck tinha as mãos e os pés amarrados core arame, não podia fazer um movimento, mas Montana Bill era um homem duro e não concedia vantagem aos adversários. Se fosse diferente do que era, teria desamarrado o ferido e lhe teria dado oportunidade para defender-se.

Mas Montana era como era. Deu-lhe uma surra violenta, sem soltar suas mãos ou seus pés. Os golpes caíam em seu rosto e corpo, um atrás do outro.

Seu rosto já estava deformado e sangrando quando Jerry interveio, quase implorando a piedade do capitão rural.

— Por favor, Bill, chega!

Montana pareceu despertar de um pesadelo, parou imediatamente e olhou para ela.

— Você tem razão. Acho que me excedi, mas era isso que eu estava ansiando fazer com os homens que tinham matado a filha de Mike Gordon. Quando vi aquele corpo todo enrolado em uma manta, somente com as botas aparecendo, meu ódio recrudesceu... Naquele momento pensei em meu pai, no seu e... — o rapaz respirou fundo e olhou de novo para Chuck. — Então, vai falar ou vai querer outra dose?

Chuck não tinha vontade de ser metralhado com murros, mas também não podia falar. Conhecia o chefe muito bem. O castigo de Montana Bill era violento, mas o do chefe, caso o delatasse, seria muito mais.

Montana levantou o braço para recomeçar outro aluvião de golpes, mas Jerry segurou-o no ar.

O rapaz a empurrou e disse:

— Não se meta em assuntos de homens! Ele vai falar ou eu o matarei!

Naquele momento, Freddy voltou a si e gemeu.

— Estou morrendo, quero um médico...

— Se você me disser quem é seu chefe, eu o levarei à casa do doutor.

Freddy abriu os olhos febris e balbuciou:

— Não posso falar... Jerry, eu era amigo de seu pai... traga-me um médico porque estou morrendo.

— Quem matou meu pai, Freddy? — perguntou a moça.

— Diga-nos quem foi. Eu sei que você sabe!

— Não posso falar... juro que não posso! — balbuciou Freddy, sacudindo a cabeça.

Montana preparava-se para agredi-lo, mas a moça interveio de novo:

— Não permitirei que maltrate um homem que está morrendo Bill!

Ele não ia atendê-la. Ia continuar usando os métodos que empregavam no Texas durante os interrogatórios mais difíceis. Porém naquele instante, uma voz falou as suas costas:

— Quieto, Montana Bill Gilberti Deixa esse homem morrer em paz e levante suas mãos! Agora você vai saber quem é o chefe, basta olhar para mim!

O rapaz reconheceu aquela voz imediatamente. Virou-se e viu Brian Cobb surgir por entre as sombras, empunhando dois revólveres.

— Agora você já sabe quem comanda os homens de Lincoln, capitão dos fantoches!

Montana percebeu que as armas estavam mais viradas na direção de Jerry.

— Eu imaginava que fosse você, mas não tinha provas — falou lentamente. — Também cheguei a suspeitar de Leonel Jefferson e Kirk Darting.

— Grande novidade, por acaso não sabe que nós três somos sócios? — sorriu Cobb, sarcasticamente. — Creio que agora poderá ficar mais tranquilo porque é um alívio alguém partir deste mundo, sabendo tudo que estava procurando descobrir!

CAPÍTULO NONO

Festa adiada

Montana saiu a galope, depois de ter colocado o lampião no alforje. Mat o acompanhou com o olhar até ele desaparecer no horizonte.

Depois fechou o armazém e foi para o Golden House que continuava em franco preparo para a festa de inauguração.

Entrou no saloon e foi diretamente ao escritório de Cobb.

— Quem é? — perguntou este ao ouvir as pancadinhas na porta.

— Sou eu, Matt.

O patrão abriu a porta imediatamente e ficou olhando para ele com a testa franzida e ar preocupado.

O juiz Darting e o rancheiro Jefferson estavam sentados perto da janela e também não aparentavam muita calma.

— Cobb, o homem acabou de sair para a mina. — Avisou.

— Está bem, volte para a loja e não saía de lá.

Brian Cobb fechou a porta e olhou para Darting, sorrindo.

— Não vejo motivos para você ter ficado tão zangado. Tudo não passou de uma brincadeira.

— A brincadeira ficaria mais engraçada se vocês tivessem usado seu chapéu. — Rugiu o juiz.

— Eu queria que visse a cara de Gilbert quando apareceu com meu chapéu, dizendo que tinham encontrado no rio.

— Acho que agora já chega, Kirk. O chapéu já foi encontrado e nada vai acontecer com você, disso tenho certeza — interrompeu-o Jefferson, procurando acalmá-lo.

— Não vejo razão para tanto nervosismo. Freddy e Chuck sabem o que estão fazendo... o italiano já está em nossas mãos e o garanhão também receberá um tratamento adequado. Sei que quando a mina voar, ambos ficarão sepultados sob suas rochas... Depois só precisamos esperar que o tempo passe e quando iniciarmos as novas etapas de exploração de minério, ambos os esqueletos serão encontrados entre os quartzos auríferos.

— Nosso plano até agora está sendo um sucesso, mas a moça vai concordar com nossas imposições? Ela vai assinar o certificado de cessão?

— Vai, sim — respondeu Cobb, rapidamente. — Durante nossa curta lua-de-mel aquela beleza vai fazer todas as minhas vontades. Denisson l'oi um idiota porque se apaixonou e queria Jerry para uma vida inteira. Ainda bem que o pobre diabo morreu logo!

O juiz sorriu diante daquele arrebatamento e comentou:

— Eu gostava dele, Só tinha medo que de um momento para o outro, comentasse sobre o filão de ouro com o dono da mina... Nunca pensei que Denisson algum dia pudesse matar Mike Gordon.

— John era esperto e sabia que Mike Gordon depois que estivesse morto não ia pedir sua parte nos lucros — riu Cobb. — Nós não podemos nos queixar porque nossos

negócios estão sendo resolvidos com facilidade. Em poucos dias desapareceram Gordon, Gilbert e Alfred.

— E hoje quem matou Betty Logan? — perguntou o rancheiro.

— Não fui eu, mas quando ela me disse que não ia apresentar-se esta noite, perdi a cabeça e joguei uma garrafa de champanhe em sua cara. A mulher ficou desfigurada, mas foi Chuck quem disparou o tiro de misericórdia.

— Chuck não ia matá-la, se não tivesse recebido ordens, e estas só poderiam ser dadas por você, não é verdade, Cobb?

— Diabos, Kirk! Não entendo porque vive querendo me aborrecer!

Não tínhamos combinado que devíamos arranjar alguém para "morrer" no lugar de Jerry Gordon? Achei que Betty Logan veio a calhar!

— Concordo só em parte porque ela também poderia ser uma atração a mais desta casa. Poderia ter rendido algum dinheiro para o Golden House e nós poderíamos ter encontrado outra substituta para a cena da explosão.

— Interveio Jefferson. — Artista morta não rende gaita!

— Agora não adianta a gente ficar discutindo — falou Cobb com raiva. — A explosão já aconteceu e o povoado inteiro soube que Jerry estava no carro que ficou destroçado. Nossos planos teriam saído muito melhor se o raio de Montana não tivesse aparecido!

Os três ficaram calados depois desta observação e Cobb avisou:

— Daqui a pouco vou dar um giro pela mina. Vou ver se os pamonhas já conseguiram domar o garanhão. O final de Bill Gilbert será espetacular. Tanta bazófia para ficar enterrado sob um monte de pedras! Assim que eu voltar,

daremos início a nossa festa que esta noite também servirá para celebrar o sucesso de nossos negócios!

— E, esta noite celebraremos o negócio mais sujo que já realizamos! — riu o juiz. — Sujeira não faz mal quando sabemos que no futuro seremos milionários.

* * *

Leonel Jefferson e Kirk Darting resolveram jantar na casa do juiz depois de combinarem que voltariam para a festa de inauguração.

Cobb apanhou o cavalo na cocheira e saiu para a mina, embora sabendo que sua presença era desnecessária porque Freddy e Chuck já deviam estar com o rural aprisionado em uma das galerias.

Brian Cobb era um homem que se considerava feliz. Sempre dizia que não podia queixar-se da vida, mas todos sabiam que ele só se dedicava ao mal e às roubalheiras. Era capaz de apunhalar alguém pelas costas, quando lhe sorria e o tratava com mil gentilezas.

Desmontou antes de aproximar-se de El Dédalo e não gostou quando viu o italiano fumando na entrada da galeria.

Naquele momento previu que algo não tinha acontecido, conforme seus planos.

Andou lentamente pelo escuro até chegar perto de Albert. Deu-lhe uma coronhada na cabeça que o colocou fora de ação. Em seguida, imobilizou- o com um pedaço de corda que tirou do bolso da casaca cinza.

Depois entrou na mina e conseguiu surpreender Montana Bill.

O rural quando se virou e viu Brian Cobb a sua frente pensou, por onde andaria Albert Gastti, mas como o conhecia de sobra, imaginou que o italiano tivesse

abandonado seu posto dc observação para ir ao povoado tomar alguns copos de cerveja.

— Gilbert, prepare-se porque vou matá-lo. — avisou Cobb sorrindo.

— Isso você devia ter feito quando descobri que era o culpado por tudo que estava acontecendo. — respondeu Montana.

— Como você pôde saber?

— Quando você matou John Denisson, apesar de ele já estar desarmado, cometeu um erro que não foi casual. Isso notei quando você explicou à Jerry Gordon que havia matado o capataz para defender Montana Bill e até aquele momento, somente Albert e Slam Code conheciam este meu apelido aqui no povoado, Eu sabia que você não tinha estado com o vaqueiro e nem Albert lhe tinha falado sobre mim. Naquele momento, deduzi que fora Denisson que lhe dissera... Depois que melhorou da surra que lhe dei na casa de Jerry Gordon, eu o vi quando estava agachado perto da janela da cozinha. Depois quando ele lhe contou o que tinha escutado, você ordenou que me matasse. Até aquele dia, só vocês dois conheciam o segredo da mina.

— Segredo, que segredo? — perguntou Cobb sorrindo, sem entender como aquele texano tinha descoberto a existência do filão do ouro.

— Ainda não sei qual é, mas pensava desvendá-lo esta noite. Apenas arrisquei porque precisava comprovar sua cumplicidade com John Denisson, e agora, também sei que Darting e Jefferson estão na mesma ciranda.

Explique-me mais uma coisa. — Continuou Montana. — Por que o chapéu do juiz foi acabar dentro do rio?

— Freddy levou tanto tempo fingindo-se de demente que acabou meio idiota. Quanto ao segredo vou revelá-lo, porque sei que você morrerá, e é melhor a gente morrer

sabendo tudo que desejava conhecer em vida: Nesta mina existe um veio de ouro que vale milhões.

— Eu já suspeitava de algo semelhante e foi por isso que vocês mataram meu pai Alfred e Mike Gordon. Vocês tinham medo que alguém desconfiasse da existência desse veio, não é?

— Exatamente — confirmou Cobb.

— Há ouro cm minha mina? — perguntou Jerry com assombro.

— Era sua, mas dentro de poucas horas será minha. — Declarou Cobb. — Antes de morrer, você terá que assinar um contrato de cessão com data de ontem porque oficialmente já está morta há quase dezoito horas, Jerry.

— Que história é essa, Brian Cobb? — perguntou a moça. — Como eu morri há dezoito horas se continuo viva?

— Quem era a mulher que encontramos no rio? — interveio Montana procurando ganhar tempo.

— Aquela infeliz era Betty Logan, o "Rouxinol da América". Tivemos uma ligeira discussão e ela morreu simplesmente. Lamento porque os rudes mineiros de Lincoln não poderão ouvir sua belíssima voz.

— Betty Logan... Betty Logan era a dona desse destino! — exclamou Jerry.

A partir de então muitas coisas aconteceram rapidamente. Primeiro, Montana empurrou a moça com violência, arrancou-lhe o lampião das mãos e o jogou no chão. Depois se lançou para frente como uma pantera pronta para iniciar um ataque.

Brian Cobb percebeu o que ia acontecer e disparou quando recebia o peso da cabeça de Bill no estômago. Seu corpo balançou, mas assim mesmo acertou no ombro direito do rural. Este sentiu a picada de bala superficialmente.

O lampião se espatifou ao cair e o querosene foi se espalhando pelo solo.

A camisa de Bill começou a avermelhar. Brian Cobb ia disparar novamente e Jerry começou a gritar pedindo socorro, mas seus gritos se perdiam pelos túneis desertos do subsolo.

A partir daqueles gritos a luta se tornou feroz. Os dois inimigos começaram a brigar corpo-a-corpo. Rolavam pelo chão entre as labaredas que continuavam se alastrando.

Os dois lutavam com selvageria para destruir o antagonista, mas Montana Bill era o mais jovem, o mais rápido e seus punhos possuíam a dureza do ferro.

Brian Cobb da ofensiva acabou chegando à defensiva, sem meios para reagir diante dos murros e pontapés que alcançavam todas as partes de seu corpo. Já tinha soltado o Colt e não conseguia desferir os golpes..., mas continuava lutando, embora sabendo-se vencido.

Subitamente se sentiu jogado de encontro às paredes rochosas e viu Montana sacar uma arma. Quase no mesmo instante, escutou a voz de Jerry: — Bill, por favor não mate esse homem! Chega de tantas mortes!

Pedido inútil porque sua voz acabou se confundindo com o estrondo do disparo.

Montana olhou para ela e também para Freddy e Chuck que começavam a ser lambidos pelas chamas. E, quase no mesmo instante, ele também viu a mecha de dinamite novamente faiscando e quando as faíscas chegassem à carga do explosivo...

Sua reação foi rápida. Puxou Jerry com brusquidão e gritou:

— Vamos dar o fora porque a mina explodirá dentro de minutos!

Ainda não tinham alcançado a saída quando as explosões começaram.

Montana teve a impressão de que o lançavam para fora das rochas e Jerry também foi cair a seu lado.

Quando se levantava ainda cambaleante, viu Albert Smith amarrado e desmaiado, jogado próximo a mina.

Aproximou-se do amigo e viu que ele ainda vivia. Ia levantá-lo do chão, mas teve que desistir dessa idéia porque Jerry se lançou em seus braços, novamente soluçando e suplicando:

— Montana Bill, não me abandone, eu preciso de você!

Ele a abraçou com carinho e murmurou:

— Fique calminha, garota porque o pior já passou.

Ela continuava chorando e se abraçando a ele.

Montana beijou-a e sussurrou:

— Fique calma, querida, porque no futuro não teremos momentos tão difíceis. Eles serão dourados como ao ouro que existe na El Dédalo...

Deixe-me colocar Albert em uma carreta e vamos voltar ao povoado. Ainda tenho que cuidar de dois ordinários, preciso vingar nossos pais!

* * *

Os sócios de Brian Cobb estavam satisfeitos. Tinham jantado muito bem e agora se dirigiam para o Golden House.

Conversavam animadamente e sorriram por muitos motivos. Acabavam de chegar a um acordo por demais importante: achavam que a colaboração de Cobb se tornará desnecessária para o prosseguimento dos planos que tinham em mente.

Tinham resolvido durante uma garfada e outra, que o armazaneiro devia desaparecer o mais rápido possível.

E quando estavam chegando ao cruzamento da praça central, chegaram a parar quando escutaram o primeiro estrondo da explosão.

— Pronto, meu amigo sorriu o rancheiro. — Gilbert e Gastti já estão em suas sepulturas provisórias até reiniciarmos o trabalho de exploração e quando forem desenterrados, estarão irreconhecíveis.

— Cobb só sorriu para elaborar o plano que até agora me parece perfeito — respondeu Darting.

Quase imediatamente a rua se encheu de gente. Todo mundo corria para mina para se certificar o que havia acontecido. Estes, no entanto, continuaram andando calmamente para o Golden House.

O saloon já estava preparado para sua noite de glória, mais somente três camareiros continuavam postados perto do bar à espera dos convidados que não deviam tardar.

Mat foi recebê-los na porta e os cumprimentou, respeitosamente.

— Boa noite, senhores. Creio que o senhor Cobb não deve tardar. Enquanto o esperam, sugiro-lhes uma garrafa de champanha... Recebemos um lote de autêntico champanhe francês.

— Ótima notícia, Mat! — exclamou Jefferson, dando-lhe alguns tapas amigáveis nas costas.

Mat fez o sinal a um dos camareiros. O homem desapareceu atrás do balcão e reapareceu quase em seguida, trazendo em uma bandeja o tradicional balde prateado, cheio de gelo, com duas garrafas enterradas nos cubinhos transparentes.

— Mat, venha fazer-nos companhia — convidou Darting.

O homem não se fez de rogado. O camareiro começou a servi-los e quando os copos estavam cheios, Jefferson brindou:

— Por nós!

— Por nós e... por eles! — disse Darting logo a seguir.

Em seguida, os dois amigos se sentaram à mesa e Mat continuou de pé, pois devia receber os convidados.

Logo a seguir, eles começaram a falar de assuntos diversos e Mat comentou:

— Parece que não teremos festa hoje de noite. O povoado está vazio, todo mundo correu para a mina.

— Não se preocupe porque daqui a pouco a casa encherá e o uísque correrá à vontade, fazendo concorrência à cerveja — disse Jefferson.

— É, sim. Tenho certeza que está noite ficará inesquecível em Lincoln. Pena que nosso amigo John Denisson não esteja conosco.

— É mesmo, Darting. Hoje poderíamos estar com vários amigos que já se foram! — respondeu Jefferson com voz compungente.

Os três tomaram um gole de bebida em homenagem aos amigos ausentes e Mat exclamou:

— Por favor, nada de pensamentos tristes! Brindemos pelos vivos!

— E também pelos mortos! — disse o homem que estava transpondo a porta de entrada. — Brindem pelo amigo eterno Brian Cobb que está sepultado na mina.

Os três se viraram para a porta e viram Montana Bill empunhando dois Colts.

— Eu gostaria de brindar com os senhores, mas não há tempo... para vocês!

Os três se entreolharam. O copo de Mat resvalou de sua mão e foi espatifar-se no chão.

O ruído do copo se quebrando ativou seus reflexos e rapidamente tentou sacar a arma, mas antes que pudesse alcançá-las os Colts de Montana entoaram o hino à morte e os três homens caíram feridos mortalmente.

Montana Bill sentia-se mais aliviado porque mais uma vez havia cumprido a missão que lhe fora designada.

Tinha vindo a Lincoln Town para vingar a morte do pai que mal conhecia e tivera chance de exterminar um grupo de homens astutos como raposas que viviam para explorar e assassinar pessoas que pudessem dificultar seus planos.

Ele, Montana Bill era um defensor dos injustiçados que agia com justiça para debelar o crime e arrasar com os criminosos.

FIM

A seguir: ROUBO FRUSTRADO
Não perca!

REEMBOLSO POSTAL
Pedidos de livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 6 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.

Nome: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... **Estado:** .....

Código de Endereçamento Postal: .....

ATENÇÃO

Não mande nada adiantado! Só pague ao receber os livros! E não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso do Correio.

MENSALISTA

Procure receber mensalmente os seus livros, como mensalista, pelo nosso Serviço de Reembolso Postal. Cartas para:

EDITORA MONTERREY LTDA.
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
Tijuca — Rio de Janeiro

IMPORTANTE:

Os leitores residentes no Rio de Janeiro podem adquirir os números atrasados em nossos escritórios, pelo preço da última edição em banca, à Rua Visconde de Figueiredo nº 81, Tijuca, de 2ª a 6ª-feira, no horário de 8:00 às 13 e das 14 às 17:30 horas.

CARO LEITOR

Se este bolsilivro apresentar alguma falha gráfica, pode devolvê-lo ao Editor que remeterá a V. S. exemplar idêntico sem o referido erro, inteiramente grátis.

REEMBOLSO POSTAL

Avisamos aos nossos leitores que devido ao alto custo da Tarifa Postal somos obrigados a atender somente pedidos cuja quantidade mínima seja de seis (6) livros pelo Reembolso Postal.

Os leitores interessados em receber nossos livros como MENSALISTAS, também terão que fazer pedidos mínimos de seis (6) livros por mês.

Eis as publicações da Editora Monterrey:

Coleção	Tema
H. H.	Guerra
F. B. I	Policial
Z. Z. 7.	Espionagem
Z. Z. 7. Série AZUL	Espionagem
CHUMBO GROSSO	Bangue-bangue
CHUMBO MORTAL	Bangue-bangue
CHUMBO QUENTE	Bangue-bangue
OESTE BARRA PESADA	Bangue-bangue
OESTE BEIJO E BALA	Bangue-bangue
OESTE BRUTAL	Bangue-bangue
OESTE CARGA DUPLA	Bangue-bangue
OESTE PERIGOSO	Bangue-bangue
OESTE PRA VALER	Bangue-bangue
OESTE PROIBIDO	Bangue-bangue
OESTE VERMELHO	Bangue-bangue
OESTE VIOLENTO	Bangue-bangue
TIROTEIO	Bangue-bangue